

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

**Maternidade Transnacional: O Exercício Da Maternidade Por
Mulheres Que Imigraram Sem Os Filhos**

Mariana Araujo Marques

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2014

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

**Maternidade Transnacional: O Exercício Da Maternidade Por
Mulheres Que Imigraram Sem Os Filhos**

Mariana Araujo Marques

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2014

Maternidade Transnacional: O Exercício da Maternidade Por Mulheres
Que Imigraram Sem Os Filhos

Mariana Araujo Marques

Dedico este trabalho à Mãinha, minha avó Arlinda, à minha mãe, Ana, e a todas as mães que imigraram sem seus filhos, com todo o amor!

Minha filha não tinha nem dois anos, ela não entendia nada, ela ficou no colo do meu pai. E o meu menino ia fazer sete anos. O meu menino chorou. O meu menino sempre foi muito apegado à mãe. E ele chorou imenso. Nunca... acho que eu não desejo isso a mãe nenhuma, quando eu me sentei com a minha mãe no autocarro o meu menino a chorar agarrado às pernas do meu pai, essa imagem vai me perseguir a vida toda.

(Entrevistada Rita, 12/02/2014)

*Her faith is amazing
The pain that she goes through contained in the hope for you
Your whole world has changed
The years spent before seem
more cloudy than blue*

*In many ways your baby's controlling
When you haven't laid down for days
For the poor no time to be thinking
They're too busy finding ways*

*Anyway the four winds that blow
They're gonna send me sailing home to you
Or I'll fly with the force of a rainbow
The dream of gold will be waiting in your eyes*

*You know I'd do most anything you want
Every day I, I try to give you everything you need
We'll always be there for you*

*I don't believe in many things
But in you... I do!*

(Trechos da música For Your Babies, composição de Mick Hucknall)

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	2
INTRODUÇÃO	4
1. Contextualização	5
2. Objetivos	6
3. Justificativa	5
CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1. Imigração e Transnacionalismo	6
2. Identidade e Maternidade	10
3. Maternidade Transnacional e a Comercialização da Afetividade	12
CAPÍTULO II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
1. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Informação	14
2. Escolhas Operacionais	16
3. Modelo analítico	16
3.1. Operacionalização dos conceitos	19
4. Hipóteses de pesquisa	22
CAPÍTULO III. EXERCÍCIO E OS IMPACTOS DA MATERNIDADE TRANSNACIONAL	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
BIBLIOGRAFIA	40
ANEXOS	47
1. Guião de Entrevista	47

Agradecimentos

Rumo à conclusão do mestrado em sociologia, com dois anos letivos de muita satisfação e aprendizado, sinto-me profundamente grata pela vitória!

Meu muito obrigado a Deus, minha busca incansável.

Muito obrigada à minha avó Arlinda, por ter sido a nossa cuidadora amorosa.

Muito obrigada à minha mãe Ana Maria, pela sua luta e dedicação contínuas. Ao meu irmão João Vitor, perene companheiro e ao meu pai João Abdo.

Muito obrigada ao professor Pedro Vasconcelos, pela sua orientação, por todo o apoio e pela sempre presente boa vontade em me ajudar.

Muito obrigada ao CNAI-Lisboa, por ter aberto as portas para que eu realizasse minhas entrevistas em seu espaço. E ao nosso colega de classe e gestor do CNAI-Lisboa, Mário Ribeiro, pela boa vontade e apoio prestados.

Muito obrigada a todas as mães que se disponibilizaram a cederem as entrevistas que possibilitaram a realização do trabalho empírico desta dissertação.

Muito obrigada a todos os professores e colegas. E a todos que ajudaram direta e indiretamente na realização deste trabalho e deste mestrado. Nada é realizado individualmente, mesmo quando temos tal ilusão.

Muito obrigada a todos!

Maternidade Transnacional: O Exercício da Maternidade Por Mulheres Que Imigraram Sem os Filhos

Resumo

O presente projeto pretende fazer um estudo teórico e empírico sobre as mulheres que imigram; geralmente de países pobres ou em desenvolvimento para países ricos e desenvolvidos, em busca de melhores condições de vida; e deixam para trás os filhos, muitas vezes com menos de um ano de idade, por longos períodos de tempo. O estudo, no entanto deixará um pouco de lado os impactos financeiros do fenômeno migratório e das relações transnacionais e se focará mais nestas pessoas e nas consequências de ordem social sobre as mesmas, especialmente as mães imigrantes, nomeadamente os efeitos sobre a subjetividade e o bem-estar, as relações interpessoais e os comportamentos e práticas de um modo geral.

Palavras-Chave: Maternidade; Imigração; Maternidade Transnacional; Bem-Estar e Subjetividade; Relações Interpessoais; Comportamento; Comercialização da Afetividade.

Transnational Motherhood: The exercise of the maternity by women who immigrated without their children

Abstract

This project aims to make a theoretical and empirical study about women who immigrate, generally from poor or developing countries to rich and developed countries in search of better living conditions, and leave behind their children, often with less than one year of age for long periods of time. The study, nevertheless leave a little aside the financial impacts of the migratory phenomenon and the transnational relations and will focus more on these people and the social order's consequences on them, especially the immigrant mothers, including the effects on subjectivity and well-being, interpersonal relationships and behaviors and practices in a general way.

Keywords: Maternity, Immigration, Transnational Motherhood, Welfare and Subjectivity; Interpersonal Relations; Behavior; Commercialization of human feeling.

INTRODUÇÃO

1. Contextualização

Nos dias de hoje, graças à globalização e a “compressão do tempo e do espaço” possibilitada pelo avanço tecnológico com a comunicação via satélite e meios de transporte de alta velocidade (GIDDENS, 2009), e ao mesmo tempo o crescente distanciamento entre ricos e pobres gerado pelo capitalismo liberal e pelo “mercado desincrustado” (POLANYI, 1944), vive-se intensos fluxos de imigração das pessoas de países pobres e em desenvolvimento para os países desenvolvidos e ricos. Dentre estes imigrantes, é crescente o número de mulheres, especialmente mães, que partem de seus países deixando para trás os filhos e demais familiares. Assim, muitos estudos têm sido feitos de forma a observar quais os impactos econômicos dos envios financeiros, ou remessas, enviadas pelos imigrantes para os países de origem, e igualmente dos impactos econômicos da presença destes imigrantes nos países de acolhimento. No entanto, ao pensarmos nestes migrantes não apenas como mão de obra assalariada, mas em famílias que estão separadas por fronteiras nacionais. Mães e pais que vivem muitos anos longe de suas crianças, muitas vezes as deixando para trás com poucos meses de idade. Qual são então as consequências deste fenômeno sobre estas pessoas? Mães, pais, filhas e filhos? Alguns estudos têm sido feitos para descobrir respostas para estas questões, apesar de que ainda existem muitas limitações metodológicas e conceituais na execução de tais estudos (MAZZUCATO e SCHANS, 2011). Por conseguinte, o presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo estas mães que imigram deixando para trás os filhos e demais familiares. E pretende analisar o fenômeno e o estudo que tem sido efetuado relativamente a este e ao mesmo tempo analisar empiricamente depoimentos destas mães imigrantes, principalmente provenientes de países em desenvolvimento ou pobres, que vieram para Portugal em busca de uma melhor qualidade de vida para si, seus filhos, familiares e comunidade. Em busca de esclarecer algumas destas preocupações sobre as famílias transnacionais, não a nível econômico, mas, a nível individual e social, o projeto tem, portanto, como questões básicas de partida: “Como ocorre o exercício da maternidade transnacional, ou seja, quando as mulheres imigram deixando seus filhos no país de origem?” e “Quais as consequências sociais, nomeadamente sobre a subjetividade e o bem-estar, as relações os comportamentos e práticas destas mulheres?”.

2. Objetivos

O trabalho tem como objetivo principal e geral estudar a família transnacional numa perspetiva de carácter mais emocional e comportamental e relacional e menos financeira, tendo como foco a situação das mães que imigraram, sobretudo aquelas pouco qualificadas e que exercem trabalhos domésticos (empregadas domésticas, babás e serviços de limpeza) e de cuidados pessoais, privando a própria família destes mesmos apoios. Enquanto isso, dentre os objetivos específicos estão, compreender as consequências para o bem-estar e a subjetividade (sentimentos principais, autoimagem, etc.) destas mulheres; reconhecer as relações interpessoais e institucionais e a sua qualidade, e enxergar-lhes como causadas por ou resultantes do fenómeno de imigrar; e finalmente, observar como é a vida destas mulheres no país de acolhimento (situação laboral, autossustento e sustento dos filhos através das remessas financeiras, etc.) e os comportamentos e práticas, vividos por estas.

3. Justificativa

A decisão em desenvolver a presente temática para este projeto de pesquisa é baseada em duas dimensões, uma pessoal e uma social. A razão pessoal tem a ver com uma situação semelhante vivida, não como mãe, mas como filha e assim saber que a problemática merece ser trabalhada uma vez que os sentimentos negativos gerados por esta, são diariamente vividos por muitas crianças e mães em todo o mundo. A razão social divide-se em um nível micro e um meso. O micro está relacionado a Portugal, um país até então de acolhimento, em que no fim de 2012 somava 417.042 cidadãos imigrantes, dentre este 210.529 mulheres, 50% do total. Já o meso leva em conta o globo e a tendência migratória atual, uma vez que de acordo com dados ONU estima-se que há hoje no mundo cerca de 214 milhões de imigrantes, 3% da população (DIAS, 2010, pp.9). 60% destes localizam-se nos países mais desenvolvidos e abastados economicamente (DAVIDSON e FARROW, 2007, pp. 13). Desta forma, é visível a relevância destes estudos tanto para Portugal quanto para o planeta como um todo, e este debate; tendo em conta as consequências ao nível da saúde mental de todos os elementos do processo: mães, pais e crianças, e o impacto na formação e desenvolvimento destas; deve fazer parte das discussões políticas, sociais e de saúde pelos órgãos nacionais e internacionais.

CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Imigração e Transnacionalismo

As chamadas relações transnacionais são o resultado desta, de certa forma, nova realidade econômica, social e política proporcionada pela globalização. Estas relações e pessoas compõem um cenário, ou *ethnoscape* (APPADURAI, 1990, pp. 296), que possibilita grande movimento e comunicação entre todo, ou quase todo, o planeta e cria redes e laços afetivos, profissionais, etc., simultâneos que ultrapassam fronteiras nacionais. Como *ethnoscape*, Appadurai identifica as pessoas que estão em constante movimento no cenário mundial, como imigrantes, refugiados, turistas, trabalhadores temporários, empresários, etc. (APPADURAI, 1990, pp. 297). Esta paisagem global movida por fluxos que alimentam estas *ethnoscape*, *finascape*, *technoscape*, etc., tem gerado um ciclo de ambição que estimula os empresários a investirem nos campos mais lucrativos, uma vez que o capitalismo liberal e o mercado “desincrustado” lhes permitem tais movimentos, cada vez mais intensamente. Desta forma, o chamado mercado transnacional é marcado pela exploração laboral, intensificação da riqueza à custa do empobrecimento de outros e pela produção que visa apenas o lucro. *O controle do sistema econômico pelo mercado é de consequência esmagadora para toda a organização da sociedade: que significa não menos que o funcionamento da sociedade como um complemento para o mercado* (Polanyi, 1944, pp. 57, tradução livre).

Por conseguinte, as pessoas têm tentado adaptar às exigências mercantis e do sistema econômico, dos quais são “servas”, e uma das maneiras encontradas está na imigração. Este fenômeno resulta de diversificados processos de decisão individual e coletiva. De acordo com uma das teorias clássicas da constituição dos fluxos migratórios, o modelo de atração-repulsão, a imigração ocorre após o agente racional migrante analisar, comparar e avaliar as vantagens e desvantagens de deixar o seu local de origem e locomover-se para onde se pretende imigrar. Geralmente, e de modo simplificado, as pessoas deixam os países mais pobres e em desenvolvimento e movem-se para locais mais ricos e que lhes ofereça melhores condições de vida, sobretudo materiais como a garantia de emprego, melhores salários, etc. (PIRES, 2003). Apesar de simples e bastante lógica, tal teoria acaba por não abranger não só as motivações que excedem aos indivíduos como agentes, nomeadamente os desastres naturais ou guerras que obrigam uma imigração; mas também ignora as limitações dos sujeitos, isto é, nem todas as

peessoas têm recursos pessoais e intelectuais suficientes para analisar de forma racional os prós e contras de imigrar para determinado lugar. Por exemplo, nem todos têm acesso e condições de explorar dados estatísticos e codificados de relatórios da OCDE, do Banco Mundial, da Eurostat ou das Nações Unidas de forma a ponderar quais os locais mais vantajosos para se imigrar. Assim nestes casos, as pessoas procuram optar por locais que já possuem um fluxo conhecido de imigrantes provenientes do seu local de origem para determinado país de acolhimento, ou seja, obedecem a um fluxo já existente recorrendo às redes compostas por seus conterrâneos, ou às vezes com o estímulo de um ou mais conhecidos que já imigraram, e de igual forma baseando-se no sucesso de outros que foram e melhoraram de vida. No caso português, podemos chegar à conclusão de que a maioria destas pessoas que deixaram seus países de origem, especialmente dos dez países mais significativos; Brasil, Ucrânia, Cabo Verde, Roménia, Angola, Guiné-Bissau, China, Reino Unido, Moldávia e São Tomé e Príncipe; o fizeram seguindo um fluxo já existente, apesar de que em cada uma das situações a motivação que gerou estes fluxos tenha sido distinta. No caso de países como o Brasil ou dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) a gênese dos fluxos está, por exemplo, na história comum, uma vez que são ex-colônias portuguesas e também na partilha linguística consequente deste processo. Estima-se que 25,3% da população estrangeira em Portugal sejam de brasileiros, somando um total de 105.622 indivíduos (*O Relatório de Imigração Fronteira e Asilo*, 2012) e representando a população estrangeira mais significativa em território português, estando em sequência a Ucrânia com 44.074 pessoas (10,6%) e Cabo Verde em terceiro lugar com população de 42.857 indivíduos (10,3%).

A imigração pode ser vista através de fluxos de migrantes, tendências, impactos financeiros gerados por remessas financeiras ou investimentos no país de destino e de acolhimentos, mas também pode e deve ser vista de perto, observando a história destas pessoas, que na sua maioria possuem uma família que não migra junto a estas. Muitas pessoas saem de seus países deixando para trás os filhos e demais familiares, gerando o fenómeno das “famílias transnacionais”. Estas famílias são formadas por vínculos *imaginários*; laços afetivos e sentimentos de pertença; e *materiais*; remessas, apoios e investimentos dados ou trocados (YEOH e YI EN, 2013). Graças aos dois tipos de vínculo, sendo o primeiro muitas vezes ignorado pelos estudiosos, estas “remessas”, que tanto contribuem economicamente na vida daqueles que ficam são conseguidas a custas de *suor e lágrimas* (CASTAÑEDA e BUCK, 2011, pp. 96), sendo estas lágrimas tanto

destes imigrantes quanto dos entes queridos no país de origem, especialmente os filhos. As relações transnacionais apresentam três características básicas: *imaginárias, práticas e estratégicas*.

Primeiro, as famílias transnacionais inspiram-se em imaginários carregados ideologicamente para darem coerência às noções de pertença apesar da dispersão física de seus membros. Segundo, as famílias transnacionais são também realizadas por meio de experiências vividas, aonde vários graus de envolvimento são negociados através dos espaços transnacionais com ambos, os membros “regulares” e outros “irregulares”. Terceiro, as famílias podem assumir as morfologias transnacionais com o intento estratégico de assegurar a sobrevivência econômica ou maximizar a mobilidade social (Yeoh e Yi En, 2013, pp. 3, tradução livre).

Paradoxalmente, para apenas alguns elementos da *ethnoscape* na “aldeia global” há a fácil movimentação e comunicação entre países, sendo estes elementos geralmente, pessoas com mais recursos financeiros e melhores qualificações. Os demais, pouco qualificados, e que saem do “sul para o norte” (HOCHSCHILD, 2004), ou dos países pobres e em desenvolvimento para os desenvolvidos e ricos, e que deixam o país, filhos e familiares para trás, partindo em busca de uma melhor qualidade de vida, além de experimentarem diversos obstáculos em seu processo de imigrar, ao chegarem ao país são muitas vezes sujeitos à discriminação e à exploração laboral, sobretudo aqueles em ilegalidade, e um afastamento obrigatório da família, tendo na maioria das vezes grande dificuldade em ter contato mais próximo e frequente com aqueles no país de origem, principalmente em se tratando de visitar ou receber visitas dos familiares. *Há uma discriminação entre diferentes categorias de imigrantes por origem nacional e por classe social* (ONG et. al., 1996, pp. 741).

Enquanto algumas pessoas consideram as fronteiras locais de passagem cada vez mais permeáveis, outros as encontram como locais militarizados de imobilidade e vigilância, controlando e restringindo os movimentos de indivíduos identificados pela raça, gênero e classe (Low e Lawrence-Zúñiga, 2003, pp. 27, tradução livre).

No que diz respeito à imigração por gênero, observa-se que a presença feminina é atualmente marcante no cenário português. De acordo com o *Relatório de Imigração Fronteira e Asilo*, de 2012, o número de imigrantes mulheres e homens é quase igual, somando 210.529 mulheres (50%) e 206.513 homens (50%). Dentre as três populações mais significativas em Portugal, notamos que a brasileira, que está em primeiro lugar, dentre o seu total de 105.622 residentes em 2012, 61.495 são mulheres. A segunda

população mais significativa, a ucraniana, soma nesta mesma data 20.927 mulheres, em um total de 44.074 indivíduos. Já a terceira, a população cabo-verdiana, nesta data conta com um total de 42.857 imigrantes, dentre os quais 22.657 são mulheres. Assim como entre os brasileiros, a predominância é também feminina para a população do continente americano, em especial a América do Sul, em geral. E igualmente, como a população cabo-verdiana, dentre os PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), com exceção da Guiné-Bissau o género feminino é predominante. Nos demais países europeus, fora os da União Europeia, os homens imigrantes são maioria apesar de a diferença não ser tão acentuada. A tendência masculina se repete entre os países da UE, sendo esta diferença um pouco maior. É indiscutível, portanto a representação feminina nas migrações internacionais, o que mostra a mulher cada vez mais autônoma e inserida no mercado de trabalho, inclusive internacional. Entretanto, ainda há uma tendência bastante peculiar nesta imigração, a mulher continua exercendo trabalhos tradicionalmente femininos, isto é, na esfera doméstica, nos cuidados e nas limpezas. A mulher imigrante, principalmente a pouco qualificada e proveniente de países pobres ou em desenvolvimento, ocupa, sobretudo estas profissões associadas ao género feminino, desta vez, remuneradamente. *A sobrerrepresentação do trabalho doméstico na listagem de actividades profissionais exercidas por mulheres imigrantes é mencionada por praticamente todos os autores que têm trabalhado sobre a imigração em Portugal* (DIAS, 2010, pp.20). É interessante, por conseguinte, analisar até que ponto a mulher “independente e autônoma” desvincilhou-se dos estereótipos de género, que identificam a mesma como a figura afetiva e habilidosa para o cuidado pessoal ou aquela com o “dom de ser mãe”, na sua vida laboral.

A convergência dos papéis de mulher e de mãe nas sociedades patriarcais coadjuva a desvalorização social da presença feminina no mercado de trabalho, em particular das trabalhadoras domésticas e do tipo de tarefas que habitualmente realizam, reflectindo-se quer nas sociedades de origem quer nas sociedades de destino (DIAS, 2010, pp.7).

Também não se pode deixar de observar que a mulher, vinda destes países em desenvolvimento, muitas vezes exerce as profissões “femininas” na esfera privada, enquanto a mulher dos países desenvolvidos trabalha fora de casa, deixando sua responsabilidade doméstica na mão destas imigrantes, ao mesmo tempo, nestes países em desenvolvimento a tradição patriarcal na sociedade é, na maioria das vezes, bastante mais acentuada que nos países desenvolvidos, assim pode-se concluir também que há

uma entrada e conquista “gradual” ou “por etapas”, por assim dizer, desta mulher imigrante no mercado de trabalho, uma vez que apesar de ser a provedora do sustento do lar, ainda está marcada pelos papéis de mulher e mãe tradicionais.

2. Identidade e Maternidade

A identidade existe a partir da cultura, o ser deixa de ser natural e adquire uma identidade, esta pode ser individual ou coletiva. A identidade cria a separação entre o eu e o outro, o nós e os outros. Primeiro o ser é natural e universal, e então de forma a adaptar-se ao ambiente e interpretar o mundo que vive e a si mesmo desenvolve o cultural, que é relativo mediante cada grupo. *A cultura permite ao homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, às suas necessidades e aos seus projetos, ou seja, e por outras palavras, a cultura torna possível a transformação da natureza* (CUCHE, pp. 21, 1999). De acordo com Lévi-Strauss a cultura é baseada em regras e códigos de valor, deste modo a identidade pode ser vista como um reflexo ou consequência do pensamento cultural. Quando há identidade há ruptura com a natureza e há uma ou um conjunto de associações feitas ao sujeito ou coletividade de forma a criar bases para a mesma identidade. Segundo afirma Cucho, a identidade cultural que está mais próxima de propriedades biológicas particulares, é a diferenciação sexual. O autor afirma que a condição sexual nunca pode ser vista em seu estado bruto ou natural porque a cultura logo se apodera da mesma, através da divisão de papéis e tarefas sexuais e de um conjunto de interpretações associadas ao masculino e ao feminino, tidas como suas naturezas distintas, como por exemplo, a associação da mulher a um ser mais emocional, frágil e passivo e o homem como racional, forte e ativo. O ser humano é, portanto, um ser cultural, isto é, este possui uma natureza subjetiva que interpreta o mundo em que vive, e cria uma falsa noção de naturalidade uma vez que todo o raciocínio dito objetivo é feito por seres aculturados, independente da cultura a que pertençam com suas próprias regras, convenções e condutas. A partir desta ideia Pierre Bourdieu desenvolve a noção de *habitus* que seria justamente a noção mediadora na interação recíproca entre o individual e o coletivo, a pessoa e a estrutura, que se condicionam mutuamente. Em outras palavras, o *habitus* pode ser visto como:

(...) o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos

constrangimentos e solicitações de seu meio social existente (WACQUANT, pp. 66, 2007).

A sociedade cria as identidades e estas dão estrutura ao indivíduo para atuar conforme sua própria colocação segundo esta mesma identidade, respondendo às necessidades sociais, criando assim o mundo social, num movimento circular. Em se tratando da maternidade, física e socialmente, a identidade materna surge quando uma mulher tem um filho. As identidades implicam um conjunto de normas e valores, por conseguinte, o processo de se tornar mãe se associa a um conjunto de regras sociais, religiosas e comunitárias. O papel de mãe é aprendido a partir da observação de outras mães e é influenciado pelo grupo social a que pertencem, alguns fatores são cruciais no desenvolvimento deste papel como a idade, o meio cultural, o status socioeconômico e laboral, etc.

Quando e como as mulheres vêm se identificar como mães, no entanto, são processos complexos que variam com a própria personalidade e circunstâncias de cada mulher, incluindo as demandas sociais, expectativas pessoais, maternidade biológica *versus* a adotiva, papéis no relacionamento, carreira / funções financeiras e *status*, estado de saúde, situação militar, e orientação sexual (Fancher e Soliday, pp.105, 2010).

O “instinto materno” natural de proteção e zelo da cria foi romantizado, idealizado, interpretado e recriado de uma maneira específica por cada sociedade, e nas sociedades ocidentais a maternidade está diretamente ligada às funções tradicionalmente femininas como a afetividade e o cuidado. Talvez a própria capacidade de ser mãe tenha sido um fator crucial no desenvolvimento desta identidade feminina como sensível e cuidadosa. No reino animal encontramos, em diversas espécies, a presença destas características nas fêmeas, e às vezes nos machos, quando há a presença de uma nova cria.

A identidade materna pode mudar a partir dos novos desafios que a mãe encontra na medida em que a criança cresce e se desenvolve. Os valores que compõem a “mãe ideal” podem vir a se conflitar com diversas características pessoais destas mulheres como a autonomia, a identidade laboral, a feminilidade e a masculinidade, etc. Por exemplo, a forte associação da mãe com a identidade feminina poderá criar choques na expectativa social em mulheres andrógenas, transexuais ou transgênero. *Nas culturas ocidentais, as mulheres enfrentam uma tarefa particularmente difícil de conciliar papéis de gênero flexíveis e a independência da vida adulta com o altruísmo ou auto-sacrifício da parentalidade* (FANCHER e SOLIDAY, pp.105, 2010).

Como observamos, a autonomia e individualidade da mulher como mãe, está ameaçada pela identidade materna. Deste modo, mulheres com carreiras profissionais ou militares, que acabam por estar muito tempo longe dos filhos e não os podendo oferecer todo o zelo que é suposto ser dado pela mãe podem ser vistas pela sociedade como geradoras de um grande problema. Em se tratando da mãe transnacional, especialmente aquela imigrante proveniente de países pobres ou desenvolvimento, a situação se agrava, uma vez que a possibilidade de estar perto dos filhos se torna muito menor, por condições financeiras. A forma como a identidade materna e conhecimento das regras e obrigações que esta exige sobre estas mães, pode causar grande pressão psicológica sobre estas mulheres, assim como social. Os sentimentos que estas carregam, ligados a própria afetividade que trazem pelos filhos, se torna maior com a ideia de não cumprimento de sua obrigação como mãe. Desta maneira pode-se pesar a saudade gerada por estar longe de quem se gosta, e a culpa por não cumprir o dever que lhe cabe. Apenas as remessas financeiras, garantindo para os filhos uma melhor qualidade de vida, podem compensar social e psicologicamente estas mães pela incapacidade de cumprir suas obrigações, de cuidado, afeto e educação, segundo a identidade materna. Com a maternidade transnacional o laço entre mãe e filhos se mantém com todas as suas limitações e recursos de compensação e adaptação a esta nova realidade pessoal e social.

3. Maternidade Transnacional e a Comercialização da Afetividade

Com a crescente presença da mulher no mercado de trabalho, na manutenção de sua carreira laboral, sobretudo nos países desenvolvidos, esta deixa de poder cuidar de seus filhos, família e das obrigações do lar, recorrendo à presença de uma trabalhadora doméstica. Tal situação vai de encontro a das mães dos países pobres e em desenvolvimento que se veem cada vez mais em situações de necessidade financeira, não podendo garantir o sustento familiar, o que faz com que arrisquem imigrar em busca destas melhores condições de vida, trabalhando no mercado em que conseguem se inserir, ou seja, como domésticas. Esta situação desencadeia numa espécie de “comercialização da afetividade” de sul para norte, ou uma espécie de *Transplante de coração* (KITTAI, 2004), em que estas mulheres/mães imigrantes; com menos recursos financeiros e académicos, provenientes dos países em desenvolvimento; privam seus filhos de cuidados maternos e domésticos vendendo estes cuidados para outras

mulheres/mães; mais qualificadas e com maiores recursos financeiros nos países ricos e desenvolvidos; que trabalham fora de casa. Na obra *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy* (2004) é observado como as mulheres vindas de países pobres e em desenvolvimento para os países ricos, desvinculam a afetividade e atenção (maternal, emocional, etc.) em vários sentidos da sua própria família para *comercializá-los* fora. Arlie Hochschild explica, no capítulo *Love and Gold*, que a maioria das mulheres imigrantes deixa para trás os filhos com outros familiares, amigos, membros da igreja, padres e pastores, ou em orfanatos, muitas vezes ainda bebês, para trabalhar como babás nos países ricos, contratando também babás para cuidarem de seus filhos no país de origem.

Mas é só o tempo e energia que são "drenados" ou é o próprio amor? Em certo sentido, tempo e energia são recursos como minerais extraídos da terra. A babá não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Seu dia tem apenas tantas horas. Quanto mais tempo e energia dá às crianças que é paga para amar, menos tempo e energia pode dar a seus próprios filhos. Entanto é o próprio amor também um recurso? E se é um recurso, as crianças podem ter um "direito" a ele? Na sua sabedoria, a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, implica que o amor é, também, como um recurso. Esta assevera a todas as crianças o direito a uma "atmosfera de felicidade, amor e compreensão" (Hochschild, 2004, pp. 38, tradução livre).

Observa-se que estes processos de migração e de relações transnacionais, realidade de muitas famílias do planeta na contemporaneidade, apesar de trazerem o "desenvolvimento" (CORTÉS, 2007), tanto no país de origem quanto no de acolhimento, geram diversas consequências negativas a nível psicológico, emocional e relacional, por exemplo, sobre as crianças como maior risco de depressão, abuso de drogas, comportamentos "desviantes", etc., pelo fato de sentirem a "rejeição" ou "abandono" destes pais, principalmente quando experimentaram o convívio e cuidado destes durante a primeira infância, sendo este/a (s) a (s) figura (s) fundamental (is) para o crescimento saudável destas crianças segundo a "teoria do apego", que demonstra que a relação, e a qualidade da mesma, entre a criança e a (s) primeira (s) pessoa (s) adulta (s) que dela cuidarem, serão fundamentais na formação psicológica, emocional e identitária da criança (ABREU, 2005).

Nas sociedades ocidentais as figuras principais de apego são a mãe e ou o pai, entretanto em outras sociedades, muitos outros elementos podem representar este vínculo, além de que a transmissão da afetividade e a forma como a sensibilidade é

vivida também pode ser variável culturalmente¹, todavia, o apoio e a segurança da criança sempre dependerá desta (s) figura (s) de apego (RIBAS e MOURA, 2004). Esta situação também pode gerar problemas na relação entre os pais e filhos, uma vez que estes deixam de reconhecer e aceitar a autoridade daqueles, às vezes acusando-os de não os ter criado, gerando profundos conflitos familiares e muitas vezes a dissolução de laços parentais e filiais entre mães e pais e seus filhos (CASTAÑEDA e BUCK, 2011), e ainda, nestas mães e pais que alimentam a culpa de estarem longe dos filhos durante o seu crescimento, além de viverem, muitas das vezes, em situações de grande privação para sustentar os filhos no país de origem.

Como demonstrou Hochschild, o amor é como um recurso, e assim como os recursos financeiros estão cada vez mais presentes, em abundância, no mundo desenvolvido, e mais escasso a cada dia no mundo pobre e subdesenvolvido, o amor e o cuidado maternos também têm sido recursos tirados das crianças do “terceiro mundo” e levados para as do primeiro “primeiro mundo”.

Mas se o amor é um recurso, é um recurso renovável. Pois quanto mais amamos e somos amados, o mais profundamente podemos amar. Assim, o amor não é fixo, da mesma forma que a maioria dos recursos materiais é fixa. Ele cria mais de si mesmo. Estamos falando, portanto, de um transplante de coração global, algo que deve incidir sobre a vida de muitas pessoas para os próximos anos (Hochschild, 2004, pp. 38, tradução livre).

É, portanto este “transplante de coração”, a nova fonte de criação de desigualdade entre *norte* e *sul* gerada pela Maternidade Transnacional, e o principal problema social; com todos os seus impactos na saúde mental, psicológica e física de adultos e crianças e na formação da estrutura de novos indivíduos; que a mesma desencadeia.

CAPÍTULO II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Informação

A recolha dos dados foi feita a dois níveis, um teórico e um empírico e têm caráter tanto qualitativo quanto quantitativo. A informação documental, que vem a ser *o uso da informação disponível, qualquer que seja o seu caráter documental* (MOREIRA, 2007,

¹ Uma das razões fundamentais para a inclusão de mulheres de diferentes origens étnicas está também no fato de esta figura do “apego” infantil ser variável culturalmente, assim como a forma de se viver a maternidade e paternidade.

pp. 153); é feita tendo em conta dois tipos de documentos: Dentre os quantitativos, estão estatísticas gerais das tendências migratórias atuais dando ênfase em categorias como: situações socioeconômicas dos países de imigração e de acolhimento, diferenças de género, a situação específica de Portugal como país de acolhimento, etc. Dos qualitativos fazem parte as obras que compõem a “revisão da literatura”, ou seja, estudos prévios sobre o assunto, mais especificamente os estudos já feitos acerca dos impactos sociopsicológicos da família transnacional, as desigualdades no processo de mobilidade entre países em desenvolvimento e desenvolvidos, as questões do género e do trabalho, etc.

A parte empírica é baseada em dados de carácter qualitativo, que em concordância com a proposta deste trabalho tem várias características positivas, como por exemplo, a possibilidade de realizar a recolha dos dados em “ambiente natural” e não em laboratório, as “múltiplas fontes de dados”, a “perspetiva dos participantes”, a possibilidade de interpretação pelo investigador, etc. (CRESWELL, 2009, pp. 175-176). Por conseguinte, foram realizadas 20 entrevistas qualitativas, “em profundidade”; *um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer* (DUARTE, 2005, pp. 62); e semiestruturadas, isto é, *caracterizada pelo emprego de uma lista de perguntas ordenadas (para conseguir um contexto equivalente) e redigidas (para terem o mesmo significado) por igual para todos os entrevistados, mas de resposta livre ou aberta* (MOREIRA, 2007, pp. 206). Estas entrevistas foram feitas a partir de um guião de entrevista flexíveis, para permitir uma entrevista próxima a uma conversa informal e para que as entrevistadas pudessem demonstrar uma maior autenticidade entre o falar/sentir, não havendo assim um afastamento da dimensão emocional e psicológica que o trabalho pretende manter. Será mais uma “conversa guiada” (Idem, 2007, pp. 205) a partir de um guião flexível. Dentre os instrumentos estão, além do guião, um meio de gravação em áudio que foi utilizado, com a autorização das entrevistadas. Recorreremos às entrevistas “em profundidade”, semiestruturadas e ao método de gravação destas para que assim se possa transcrever os sentimentos que estas pessoas reconhecem em si, sua experiência segundo sua própria observação, o que pode ter mudado em sua qualidade de vida (mais *stress*, episódios de depressão, qualidade de sono, relação com os filhos, etc.), dentre outras coisas, para que se possa compreender estes impactos e tirarmos conclusões afirmativas ou negativas relativamente às hipóteses.

2. Escolhas Operacionais

O trabalho empírico foi realizado através da seleção de uma amostra que pudesse representar de forma eficaz a população estudada. Desta forma, a amostra foi “não probabilística”, o que quer dizer que houve a seleção desta população que a compôs (BANDEIRA, pp. 4). A seleção foi feita através da estadia alguns dias, na sala de espera de atendimento da instituição de apoio ao imigrante, nomeadamente o ACIDI (*Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural*) de forma a encontrar uma população diversificada, isto é, apesar de delimitarmos uma amostra de mulheres mães com baixa qualificação e trabalhos ligados à esfera doméstica, procurou-se que estas sejam provenientes de várias culturas de forma a observar as diferenças nos impactos psicoemocionais nestas, mediante a origem cultural e nacional.

3. Modelo analítico

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Maternidade Transnacional	Características das mães imigrantes e filhos	Idade (mulheres)
		Nacionalidade (mulheres)
		Estado Civil (mulheres)
		Grau de escolaridade (mulheres)
		Origem (mulheres)
		Profissão (mulheres)
		Quantos filhos (mulheres)
		Idade dos filhos
		Tempo em Portugal (mulheres)
	Experiência da imigração	Motivações da imigração
		Reação dos filhos
		Processo de imigração
		Apoio na imigração (país de destino ou acolhimento)
		Dificuldade financeira em Portugal
		Trabalho antes de imigrar
		Processo de encontrar trabalho ao chegar
		Empregos em Portugal desde que chegou
		Satisfação com o trabalho
		Satisfação com o salário
		Se gostaria de ter outro trabalho
		Saúde após imigração. Saúde dos filhos
		Mal estar físico experimentado (depressão, problemas para dormir, episódio de stress, etc.)
		Motivos para viver em Portugal

		Razões para não ter trazido os filhos
Comportamento	Práticas e suas razões	Se costuma sair para se divertir. Frequência. Razões
		Se é comum comprar, para si mesma bens de consumo (roupas, calçados, eletrônicos, móveis, etc.). Razões.
		Se possui casa própria em Portugal. Razões.
		Se tem algum automóvel (carro, motocicleta, etc.). Razões.
		Se já viajou para outros lugares que não o país de origem. Razões.
		O que costuma fazer nos tempos livres. Razões.
Relações Interpessoais	Relações no país de origem	Relação com os filhos antes de imigrar
		Relação com os filhos hoje em dia
		Com quem ficaram os filhos. Razão.
		Relação dos filhos com a pessoa que com eles ficou, hoje em dia
		Meios e frequência que tem contato com filhos no país de origem
		Quantidade de vezes que viu os filhos desde que imigrou
		Gestão da educação dos filhos relativamente à dedicação escolar e ao comportamento em casa
		Se envia presentes ou compra para os filhos frequentemente bens (roupas, calçados, brinquedos, eletrônicos, etc.)
		Frequência das remessas financeiras. Percentagem.
		Se apoia financeiramente mais alguém no país de origem
	Se já fez algum investimento no país de origem	
	Relações no país de acolhimento	Se imigrou só ou com alguém
		Se tem contato com algum familiar ou parente que viva em Portugal
		Se possui em Portugal amigos ou muitos conhecidos
		Se estava antes ou está hoje em dia em uma relação amorosa. Há quanto tempo. Nacionalidade da pessoa.
Relações laborais	Relação com os colegas de trabalho e pessoas do convívio laboral	
	Relação com o patrão/a patroa	
Subjetividade	Experiência da Imigração e sentimentos	Sentimento ao imigrar
		Sentimento nos primeiros meses de chegada
		Sentimentos ao pensar nos filhos que ficaram pra trás
		Sentimentos dos filhos desde a imigração
		Principais medos que vive e viveu com a experiência imigratória
		Pensamentos sobre a vida antes de imigrar. E a vida dos filhos
		Esperança para o futuro dos filhos. Principais sonhos em relação aos filhos
		Se se sente mais independente e com domínio sobre a própria vida após a imigração
		Principais vantagens e desvantagens de se ter imigrado sem os filhos
Se pudesse realizar um desejo qual seria		

Como variável dependente deste projeto, que coincide com o objeto de estudo, identificamos a *maternidade transnacional*. Já as variáveis independentes são as dimensões que podem alterar os direcionamentos e os resultados que a variável dependente determina. Assim, estas são, por exemplo: A *idade dos filhos*, ou seja, se o impacto negativo sobre as mães apresenta intensidades diferentes mediante a idade dos filhos que deixou para trás; as *redes de apoio no país de acolhimento*, se a presença de outros familiares, amigos ou membros da mesma comunidade é um fator decisivo no bem-estar subjetivo destes imigrantes; o *contato*, se as visitas ou contato diário através de telefonemas ou da *internet* atenua ou intensifica sentimentos positivos ou negativos; as *redes de apoio no país de origem*, se a presença de outros familiares como cuidadores das crianças são fundamentais para um maior ou menor bem-estar subjetivo das mães imigrantes; o *modo de vida no país de acolhimento*, se a situação laboral, autossustento, etc., tem influência no bem-estar destas mulheres; e finalmente a *subjetividade*, a influência que a percepção de si e de suas ações em comparação com o modelo ideal de mãe e de mulher tem sobre essas imigrantes. O modelo de análise está dividido em quatro conceitos chave nos quais se baseia o trabalho e através dos quais se desenvolvem as ideias que se pretende encontrar com a realização da pesquisa. O primeiro conceito *maternidade transnacional*, assim como conceito central, subdivide-se nas características principais e de interesse das mães e da própria experiência migratória. Nesta parte procurou-se compreender desde quem são estas mulheres até sua experiência como imigrantes que deixaram seus filhos para trás. Os demais conceitos desenvolvem-se ao redor e a partir do primeiro, sendo o *comportamento*, as *relações interpessoais* e a *subjetividade*. O *comportamento* tem a ver com as práticas e ações individuais e as motivações das mesmas, o que as influencia, condiciona e determina, e tal influência advém tanto da situação externa, quanto da própria interpretação dos sujeitos. As *relações interpessoais* analisam todas as relações entre os sujeitos e os demais, esta divide-se em: relações no país de origem; com os filhos, familiares, amigos, parentes, comunidade, etc.; no de acolhimento; com a comunidade local, instituições, amigos, colegas e parentes que também imigraram, etc.; e laborais; com colegas de trabalho, patrões, etc. Finalmente, a *subjetividade* dirá respeito a forma como o sujeito interpreta e sente o mundo, tendo também sido construída a partir da forma como o mundo está organizado, com seus valores e regras sociais. A dimensão subjetiva tratará dos sentimentos, pensamentos, interpretações e apreciações destas mulheres dentro da experiência que estão vivendo como mães transnacionais.

3.1.Operacionalização dos conceitos

Neste ponto procuraremos definir os principais conceitos do projeto, nomeadamente, a *maternidade transnacional*; que é aquele em volta do qual os demais se baseiam; o *comportamento*, as *relações interpessoais* e a *subjetividade*; não apenas de forma dispersa e independente, mas contextualizando nas pretensões de compreensão do mesmo estudo, e no significado que terão neste.

➤ *Conceito de Maternidade Transnacional*

O conceito de maternidade transnacional emerge a partir de um fenômeno que tem sido crescente nos últimos quarenta anos, a imigração de mulheres de países pobres e em desenvolvimento para os países ricos e desenvolvidos, deixando para trás os filhos com outros familiares, amigos, parentes, em orfanatos, com amas ou mesmo sós. De acordo com Hochschild (2009), pelo fato de a identidade da mulher, sobretudo mãe estar mais associada ao cuidado e afeto para com os filhos em comparação aos homens, essas mães que imigraram estão muito mais apegadas a estes filhos e estes às mesmas, que pais que imigraram, o que gera um impacto emocional negativo maior nesta situação. É certo que se deve levar em consideração as diferenças culturais que mostram o papel da mãe nem sempre igual às noções ocidentais, aonde esta é a figura afetiva central na vida dos filhos em conjunto ao pai, apesar de que tradicionalmente, por exemplo na abordagem funcionalista de Parsons e Bales (1956) cabe à mãe o papel afetivo enquanto o pai é o ganha-pão. Hoje em dia sabe-se que esta abordagem é errônea, até porque observamos que essas mulheres que imigram são as provedoras de suas famílias. Cada vez mais as mulheres imigram não para fins de reunificação familiar, mas como imigrantes primários. Estima-se que a nível global o número de mulheres migrantes cresceu de 46,6% nos anos de 1960, para 48,8% em 2000. A maioria destas mulheres imigrou para as regiões mais desenvolvidas, como a Europa e os Estados Unidos, levando a uma percentagem crescente de 47,9% para 50,9% no mesmo período de tempo (BASTIA e BUSSE, 2010). Segundo Bastia e Busse (2010), em alguns países como, por exemplo, nas Filipinas, tem sido crescente o número de mulheres e mães que imigraram para outros países em busca de trabalho remunerado. Muitas destas trabalham em serviços domésticos ou que envolvem algum tipo de cuidado de pessoas. Geralmente é preferível mães para tais funções pelo fato de já terem

experiência no cuidado de crianças, e igualmente para cuidar de idosos. Apesar disso muitos governos alertam para os perigos e consequências negativas sobre as crianças na imigração de suas mães. Podemos observar que a maternidade transnacional se refere a:

Circuitos de afeição, cuidado e apoio financeiro que transcende as fronteiras nacionais. Assim, as mães transnacionais continuam a desempenhar sua função maternal através de telecomunicações e ligações para seus filhos, estando efetivamente perto apesar da distância. Fazendo isso, estas dão sentido à distância, combinando as responsabilidades familiares e financeiras que sentem em relação aos filhos (Bastia e Busse, pp. 768, 2010).

Desta forma observa-se que a imigração destas mães não rompe laços sentimentais e de cuidado financeiro entre mães e filhos, mas reconfigura e adapta a maternidade a esta nova realidade social e também econômica, chamada de maternidade transnacional. Nesta nova realidade a mulher também ocupa o papel de ganha-pão por um lado enquanto por outro continua, sobretudo, exercendo as funções de cuidadora ou doméstica desta vez remunerada, no papel tradicionalmente feminino. Além disso, estas mães privam os próprios filhos de cuidados que agora comercializam.

➤ **Conceito de *Comportamento***

De acordo com o Dicionário de Psicologia, escrito pelos autores Raul Mesquita e Fernanda Duarte, o conceito de *comportamento* pode ser considerado (...) *a actividade global ou conjunto dos actos de um indivíduo perante uma situação ou conjunto de - estímulos, ou seja, é a resposta que um organismo dá, ou a sua reacção, perante a situação que a suscita* (MESQUITA e DUARTE, pp. 48). A palavra deriva do latim *cum me porto*, como me porto, portanto implica não na atitude do sujeito de forma independente mas em interação com o meio que o cerca, podendo este influenciá-lo e condicioná-lo. Deste modo, neste trabalho serão analisados os comportamentos das mães transnacionais, aonde o próprio fenômeno transnacional gerará os meios com os quais essas mães interagem. Serão analisados, portanto os comportamentos da mulher imigrante, vivendo e trabalhando em um país estrangeiro, e os principais comportamentos gerados por esta experiência, e ainda, essas mulheres como mães que têm seus filhos longe de si, em seus países de origem, e da mesma forma os comportamentos das mesmas diante desta situação. Por exemplo, em se tratando dos hábitos de consumo destas mulheres, até que ponto seu comportamento é condicionado

pelo fato de estarem longe dos filhos, gerando algum constrangimento ou remorso de consumir determinados bens, ou fazer certos gastos enquanto os filhos estão privados dos mesmos por não estarem juntos. Ou, por outro lado, esta situação pode levá-las a ter certas atitudes de consumo com o fim de proporcionar bens aos filhos para compensá-los pela própria falta. Estes e outros exemplos serão observados de modo a compreender o comportamento destas mães transnacionais.

➤ **Conceito de *Relações Interpessoais***

Sendo *relação* a *convivência*. *Conhecimento recíproco de pessoas*. *Trato*. *Pessoa ou pessoas com que se convive* (FIGUEIREDO, 2010), e *interpessoal*, “entre” “pessoas”. As relações interpessoais dizem respeito à convivência, conhecimento e trato entre pessoas. Estas estão presentes em diversas esferas do convívio social, seja ele familiar, profissional, escolar e acadêmica, entre uma comunidade, etc. Deste modo, as mães transnacionais, como sujeitos principais deste projeto, estabelecem diversas relações interpessoais não só localmente, mas transnacionalmente, isto é, entre fronteiras e simultaneamente. Como mulheres provedoras do sustento familiar, estas imigrantes precisam trabalhar e estabelecem suas relações laborais, assim como diversos tipos de relações no país de acolhimento como entre a comunidade de mesma origem nacional ou étnica, com instituições de apoio ao imigrante, com parentes, amigos, companheiros, etc. Como mulheres transnacionais estas também estabelecem relações com a comunidade no país de origem, seus familiares, amigos e principalmente, como relação mais importante neste trabalho, com seus filhos que ficaram para trás. A relação interpessoal entre mães transnacionais e seus filhos é um tema que ainda possui bastante a ser estudado e será analisada neste trabalho.

➤ **Conceito de *subjetividade***

Subjetividade diz respeito ao sujeito e o seu íntimo. Para o dicionário Michaelis é a qualidade do *subjetivo*, que vem a ser: *Pertencente ou relativo ao sujeito. (...) Que está somente no sujeito, no eu; que se passa ou existe no espírito. (...) Que exprime ou manifesta apenas as ideias ou preferências da própria pessoa; pessoal, individual.* (Dicionário Michaelis online).

A subjetividade é, portanto a forma como o indivíduo percebe e sente o mundo, seus pensamentos, percepções, apreciações, opiniões, sentimentos e sensações. O sujeito interage com o mundo por intermédio da própria subjetividade, e através desta interpreta e constrói o mundo ao seu redor. Ao mesmo tempo e em reciprocidade, os valores e a cultura formam o indivíduo e ajudam a influenciar, construir e gerar constrangimentos em sua própria subjetividade, este fenômeno ocorre mutuamente, entre o social e o individual, que se criam e recriam em interação. No fenômeno da maternidade transnacional, e tendo como sujeito essas mães, para compreender o mesmo fenômeno a dimensão subjetiva não pode ser ignorada. Os sentimentos e sensações que vivem estas mulheres, sua apreciação da própria experiência e a forma como a enxergam, suas emoções, sua saúde física e mental e as modificações ocorridas após o início da experiência, a forma como interpretam o papel e as obrigações de si próprias como mães, etc.

4. Hipóteses de pesquisa

Somam-se cinco, as hipóteses que procuraremos testar a partir da recolha empírica de dados. Estas foram baseadas em processos criativos vindos da experiência pessoal e das leituras feitas durante a revisão da literatura. A seguir estão descritas as seis hipóteses:

Hipótese 1. A maior parte das mães que imigram, deixando para trás filhos muito pequenos, sentem-se de certa forma culpadas e inibidas para aproveitar a vida (viajar, passear, comprar bens como roupas, sapatos, etc.);

Hipótese 2. As mulheres/mães imigrantes, em geral, enviam a maior parte do que ganham (remessas) para promover uma melhor qualidade de vida para os filhos (educação, bens de consumo, etc.), apoiar familiares ou investem em bens imóveis na terra de origem;

Hipótese 3. O bem-estar subjetivo e os sentimentos de tristeza, culpa, etc., destas mães são maiores quando os filhos que ficaram para trás são mais novos;

Hipótese 4. As mães solteiras que imigram sem os filhos, de uma forma geral, sentem certa resistência em começar uma nova família (casar e ter outros filhos);

Hipótese 5. As mulheres imigrantes solteiras, com filhos na terra de origem, que se casam ou têm outro (s) filho (s) experimentam algum desgosto, ciúme, acusação ou certa desconsideração ou desapego por parte daqueles (filhos) que ficaram para trás;

CAPÍTULO III. O EXERCÍCIO E OS IMPACTOS DA MATERNIDADE TRANSNACIONAL

Na realização das vinte entrevistas, foi possível observar alguns padrões esperados, entretanto, algumas situações bastante distintas do que supúnhamos no decorrer do estudo. Por exemplo, dentre todas as mães, apesar de serem todas provenientes de países em desenvolvimento, nem sempre estas imigraram por razão de grandes dificuldades financeiras no país de origem, mas por diversas outras razões inesperadas. A partir de agora iremos analisar os resultados encontrados, através das entrevistas, levando em conta as três dimensões propostas, nomeadamente, os comportamentos, as relações interpessoais e o bem-estar e subjetividade. E juntamente examinaremos as hipóteses, confirmando ou refutando as mesmas a partir da informação recolhida.

Como foi dito, uma das principais intenções deste trabalho era de estudar mulheres pouco qualificadas e que exerciam profissões associadas ao género feminino, talvez não tão surpreendentemente, o encontro dessas mulheres ocorreu espontânea e naturalmente, uma vez que a grande maioria dessas não possui formação acadêmica, com exceção de quatro casos, apesar de que mesmo essas mulheres graduadas trabalham principalmente nas profissões esperadas. Por exemplo, as duas entrevistadas filipinas, ambas com formação superior, trabalham como domésticas em Portugal. E já duas entrevistadas brasileiras, também graduadas, por não terem recorrido à equivalência de seus diplomas, trabalham em profissões distintas da sua formação profissional. Na tabela que se segue é possível observar melhor as características das entrevistadas.

Entrevistadas (Nome fictício)	Grau de Escolaridade	Idade quando imigrou	Estado civil (quando imigrou)	País de Origem	Idade dos filhos (imigração da mãe)²	Profissão
Janaína	7º ano	38 anos	Solteira	Brasil	19 e 17 anos	Costureira
Alice	2º ano licenciatura Serviço Social	40 anos	Solteira	Angola	12, 9, 5 e 1 anos	Desempregada (Auxiliar de ação médica) ³
Antônia	Liceu incompleto	34 anos	Solteira	Brasil	16, 13 e 6 anos	Auxiliar de geriatria
Ângela	12º ano	37 anos	Casada	Brasil	19, 12 e 9 anos	Caseira
Júlia	6º ano	25 anos	Solteira	Cabo Verde	2 meses	Restaurante (Faz de tudo)

² A tabela não leva em conta filhos tidos após a imigração, ou filhos que imigraram junto à mãe.

³ Considera-se o último emprego em Portugal, antes do desemprego.

Janice	Graduação (Enfermagem)	38 anos	Separada	Filipinas	16, 15, 13 e 11 anos	Doméstica
Rita	10º ano (Técnico em Enfermagem)	27 anos	Solteira	Brasil	2 e 7 anos	Auxiliar médica
Maria	5º ano	40 anos	Solteira	São Tomé e Príncipe	2 e 13 anos	Desempregada (Cuidadora de idosos)
Maricel	Bacharel em Administração de Empresas	42 anos	Casada	Filipinas	20 e 18 anos	Doméstica
Vanessa	12º ano	41 anos	Solteira	Brasil	12 e 11 anos	Desempregada (Doméstica)
Sílvia	12º ano	37 anos	Solteira	Brasil	16 e 18 anos	Secretária de escritório (e Cuidadora)
Miriam	11º ano	23 anos	Solteira	São Tomé e Príncipe	2 e 1 anos	Doméstica
Vera	7º ano	38 anos	Divorciada	Cabo Verde	21 e 14 anos	Doméstica
Luísa	Analfabeta	27 anos	Solteira	Cabo Verde	9, 7, 6 e 3 anos e – de 1 ano	Auxiliar de limpeza
Maíra	12º ano	33 anos	Solteira	Brasil	3 e 7 anos	Auxiliar de limpeza
Iara	12º ano	31 anos	Casada	Brasil	6, 10 e 13 anos	Ama e cuidadora de idosos
Ana	Graduação (Administração de Empresas)	43 anos	Divorciada	Brasil	16 anos	Encarregada de restaurante
Gisele	Graduação (Enfermagem)	34 anos	Solteira	Brasil	13 anos	Empregada de balcão
Lisa	9º ano	45 anos	Casada (Separada) ⁴	São Tomé e Príncipe	25, 20, 17, 16 e 14 anos	Desempregada
Camila	12º ano	33 anos	Divorciada	Brasil	15, 15, 14, 12 e 3 anos	Doméstica

Além de o grau de escolaridade dessas mulheres ser majoritariamente inferior ao liceu completo, e as profissões serem de domésticas, cuidadoras (ama, auxiliar de geriatria e médica), nos serviços de limpeza e como empregadas ou encarregadas de restaurante ou outro estabelecimento comercial, 85%, ou 17, dessas eram mães solteiras, separadas ou divorciadas quando imigraram. Nove, isto é 45% dessas, tinham entre 30 e 39 anos; seis, 30%, tinham entre 40 e 49 anos; e cinco, ou 25%, tinham entre 20 e 29 anos quando imigraram. Em conformidade com a população mais significativa de estrangeiros em Portugal, a amostra é representada, sobretudo, por mulheres brasileiras, 11 ou 55%. Em seguida estão os PALOPs com 7 ou 35% das entrevistadas e as Filipinas

⁴ Apesar de a entrevistada ser casada no civil, vive há muitos anos separada do marido, com os filhos que cria sem o apoio deste.

com 2 ou 15%, apesar de as Filipinas não estarem entre os países mais significativos com população imigrante em Portugal, somando apenas 623 residentes, ou 0,1% da população estrangeira em Portugal, dentre os quais a maioria, 461 são mulheres, segundo dados do SEF. Vale lembrar que a amostra foi recolhida aleatoriamente, e diversas abordagens foram feitas às mulheres presentes na sala de espera do CNAI de Lisboa, apenas algumas, entretanto, preenchiam os requisitos pretendidos, isto é, ter imigrado e deixado filhos no país de origem, ou se disponibilizaram a dar entrevista. Desta forma, a maioria das entrevistadas poderia também não ter sido de brasileiras, se estas não houvessem se mostrado propensas a dar entrevista, mesmo assim o fato de haver muitas entrevistadas brasileiras, demonstra a presença marcante destas dentre os imigrantes residentes. O fato de estas mulheres serem principalmente mães solteiras, com pouco ou nenhum apoio dos pais de seus filhos, vai de encontro às expectativas relativas aos estudos anteriores que mostram que essas são as únicas ou principais provedoras do sustento da família, independentemente, da razão para imigrar ser por questões financeiras ou não. Relativamente às motivações, em primeiro lugar e sem surpresa, estão as questões financeiras, ter um melhor emprego ou melhores expectativas de vida, com nove representantes. Aquelas motivadas pela presença e estímulo de algum conhecido, parente ou familiar que já havia imigrado, somam quatro; e dentre estas, duas vieram com promessas falsas de trabalho. Uma delas pagou uma grande quantia de dinheiro esperando ser recebida e apoiada, porém ao chegar em Portugal não havia ninguém à sua espera. A outra veio com o irmão e descobriu que o emprego proposto quando ainda estavam em seu país de origem, no caso o Brasil, não correspondia ao prometido sendo-lhes oferecido um trabalho com condições de exploração. Três vieram como turistas para conhecer o país e acabaram por gostar e se estabelecer definitivamente. Duas vieram para fugir de um relacionamento nocivo, a primeira em princípio como turista, e a segunda como imigrante fugindo de um ex-marido alcoólatra que a atormentava. E finalmente, uma por questões de insegurança em seu país, Angola, que se encontrava em guerras civis, entre partidos. Outro fato importante é o grau de escolaridade, já que além de serem provenientes de países em desenvolvimento, essas mulheres têm na sua maioria baixas qualificações. Apenas quatro destas têm formação superior completa e uma não finalizou a graduação. Seis têm o liceu completo e as demais não chegaram ou concluíram o liceu, sendo uma destas, analfabeta. Este dado era esperado, pois a maioria destas mulheres imigrantes, como já vimos em estudos supracitados, têm pouca qualificação e ocupam profissões

tradicionalmente femininas, o que também se verificou neste estudo. Até mesmo as mulheres mais qualificadas ao imigrarem acabam trabalhando nestes empregos tradicionalmente femininos ou em outros de baixa qualificação. As entrevistadas Ana e Gisele, graduadas em Administração de Empresas e Enfermagem respectivamente, por não terem feito equivalência de seus diplomas, trabalham a primeira como encarregada de restaurante e a segunda como empregada de balcão. Gisele, entretanto, declarou na entrevista que pretende fazer a equivalência. Já as entrevistadas filipinas, Janice, graduada em enfermagem, e Maricel, bacharel em administração de empresas, trabalham ambas como empregadas domésticas e não mostraram a pretensão de fazerem equivalências de seus diplomas, além de que sentem dificuldade na questão linguística, por não falarem fluentemente o português.

Em se tratando da pessoa com quem ficaram os filhos, uma entrevistada respondeu com o pai somente e 19 responderam com a avó ou avós e ou tios e tias, ou ainda, avó e pai (alternadamente ou coabitando). Vemos, portanto, a figura da avó ou avós como de principais cuidadores das crianças em caso da imigração das mães. Um dado interessante também foi observado, duas destas mães afirmaram que os avós já tinham um papel maternal quase superior a elas próprias, isto é, os avós já eram as principais figuras educadoras, é pertinente levar em conta que ambas foram mães aos 18 anos. A entrevistada Janaína afirmou: *ficou lá no papel de mãe os avós. Ou seja, eles sempre obedeceram muito, e sempre viram neles a mãe e eu a amiga então era fácil a comunicação entre os avós e eles* (JANAÍNA, hoje com 50 anos de idade). Enquanto Sílvia mostrou uma situação parecida: *Devido ao relacionamento com o pai das minhas filhas, eu era loucamente apaixonada (...), então minha mãe (...) nunca deixou eu criar as minhas filhas, foi dentro da casa dela, (...). Daí, nem pra banhar minhas filhas quando eram bebês, eu nunca banhei* (SÍLVIA, 47 anos). Talvez por esse motivo, essas duas mulheres demonstraram uma postura mais livre e independente, relativamente ao “dever de mãe”, ambas apontaram a imigração como experiência que trouxe-lhes uma maior consciência da maternidade. Por exemplo, quando questionada se considerava-se uma boa mãe, Sílvia respondeu: *Hoje sim, mas já fui uma péssima mãe, (...), porque eu tive as minhas duas filhas, antes de ter a minha casa, dentro da casa da minha mãe, (...), dezoito anos eu tive a primeira. Até por vim pra cá o meu amor aumentou mais. Já Janaína, na questão comportamental relativa a sair e se divertir, afirmou: *Quando cheguei era irresponsável saía pra divertir. Gostava de ir pra discoteca. Como disse, cheguei com a cabeça oca, né? Então, meu pensamento era estourar dinheiro, era sair**

e curtir muito. Apesar disso, em se tratando das remessas, Sílvia declarou enviar dinheiro todos os meses e apoiar os estudos das filhas, porém Janaína disse nunca ter sido preciso enviar remessas mensais, sendo assim, apenas levava dinheiro quando ia visitar a família, ou enviava através de alguém que estivesse indo. Das demais entrevistadas, treze delas enviavam ou enviam dinheiro todos os meses, três sempre que possível e duas não mandam por não terem condições de fazê-lo, estando uma destas, desempregada. Podemos, portanto, em parte aceitar como verdadeira a hipótese número 2, *as mulheres/mães imigrantes, em geral, enviam a maior parte do que ganham (remessas) para promover uma melhor qualidade de vida para os filhos (educação, bens de consumo, etc.), apoiar familiares ou investem em bens imóveis na terra de origem*, uma vez que realmente a maioria destas envia dinheiro todos os meses para a família, de forma a promover a educação e formação dos filhos e apoiar demais familiares. No entanto, os investimentos em bens imóveis, apenas verificou-se em três casos a compra de residência, em um caso um negócio e em outro a entrevistada poupa dinheiro para um futuro investimento em seu país de origem. No caso de outros investimentos, por exemplo, que excedem à própria família, apenas a entrevistada filipina Maricel apoia a comunidade.

A hipótese número 1, *a maior parte das mães que imigram, deixando para trás filhos muito pequenos, sentem-se de certa forma culpadas e inibidas para aproveitar a vida (viajar, passear, comprar bens como roupas, sapatos, etc.)*, não pode ser completamente confirmada, nem completamente refutada, uma vez que nenhuma mulher afirmou exatamente evitar comprar bens de consumo, viajar ou sair para poupar e enviar para a família, apenas a entrevistada Janice ao ser questionada se saía para se divertir respondeu: *Não muito, nada de gastar dinheiro*⁵ (JANICE, 39). Algumas das demais, entretanto, mostraram não sair muito e apenas comprar bens quando possível ou necessário. Oito delas afirmaram sair para se divertir frequentemente, seis vão apenas à igreja, três saem de vez em quando e três não saem, dentre as quais duas não o fazem porque não gostam. É interessante observar certas tendências culturais, por exemplo, das sete entrevistadas dos PALOPs, apenas Júlia disse sair para se divertir e Vera, o faz às vezes, levando em conta que está aqui com a filha mais nova, estando os demais em Cabo Verde. Das duas filipinas, ambas vão apenas à igreja. E das onze brasileiras, duas vão apenas à igreja, uma não gosta de sair e as demais todas saem. É verdade que não temos números iguais nesta amostra para fazer uma comparação exata, mas com estes

⁵ As entrevistas com as mães filipinas foram realizadas em inglês e traduzidas durante a transcrição.

dados podemos ter uma ideia de certas tendências relativas à nacionalidade, já que as filipinas mostram uma postura tradicional que as faz como mães evitar diversões que não sejam religiosas, as africanas também em sua maioria de certa forma parecem também, talvez por serem mães, evitar as diversões. Já as brasileiras na sua maioria, apesar de terem filhos, ainda se preocupam com a questão da diversão e distração com momentos de lazer. É certo que a cultura brasileira é bastante plural e diversa, e as entrevistadas podem ser provenientes de localidades mais concentradas, aonde a tendência imigratória é maior, porém, de um modo geral, a alegria e o divertimento são elementos associados ao jeito de ser da população brasileira. Na questão das compras, dez delas dizem comprar bens para si, dentre as quais uma declarou: *Aqui graças a Deus existe feira. Então o pobre pode ir à feira, não vou dizer que não compro. Graças a Deus, (...), às vezes compro roupa a cada um ano, dois. A roupa dura, aqui como é mais frio a roupa de frio dura muitos anos (risos)* (RITA, 40). Duas afirmam não comprar, uma delas por não ter condições; e oito só quando podem ou precisam. Apesar disso, vale lembrar que a maioria delas envia remessas financeiras para o país de origem o que implica diretamente na diminuição de recursos para serem gastados por si próprias, o que de forma indireta confirmaria a hipótese um, isto é, mesmo que elas não evitem comprar exatamente porque querem poupar para os filhos, o fato de enviarem dinheiro para os filhos diminui o que gastam consigo mesmas, o que deixa claro quais são as suas prioridades. No que tange às viagens, dez já viajaram para fora de Portugal com destino a outros países além do de origem e dez nunca o fizeram. Apenas duas das entrevistadas possui casa própria em Portugal, adquirida, entretanto após a chegada dos filhos. E três têm ou já tiveram um automóvel. Uma questão que trouxe mais pistas em relação à veracidade da hipótese um foi a do que faziam nos tempos livres, algumas respostas foram, por exemplo:

Cozinhar, lavar roupa, é só isso (MARIA, 43); Trabalhar e trabalhar (Risos) (VANESSA, 52); Eu não tinha tempo livre, trabalhava dia e trabalhava noite (LUÍSA, 56); A minha grande diversão é a igreja. Não tenho mais nenhuma diversão (LISA, 45); Trabalhava, tinha sempre uma coisa extra pra fazer (ÂNGELA, 48); Eu quando tenho tempo livre, passo mais na igreja (MIRIAM, 38).

Podemos observar que para muitas destas mulheres a vida de imigrante é mais focada em trabalhar do que em qualquer outra coisa.

Na dimensão das relações, temos duas hipóteses inerentes, a quarta, *as mães solteiras que imigram sem os filhos, de uma forma geral, sentem certa resistência em começar uma nova família (casar e ter outros filhos)*; e a quinta, *as mulheres imigrantes solteiras, com filhos na terra de origem, que se casam ou têm outro (s) filho (s) experimentam algum desgosto, ciúme, acusação ou certa desconsideração ou desapego por parte daqueles (filhos) que ficaram para trás*. Pelas entrevistas poderíamos aceitar como verdadeira a quarta hipótese, já que apenas as entrevistadas Miriam e Gisele tiveram novos filhos após imigrarem, porém apenas Gisele se casou, Miriam permanece mãe solteira. Nove das entrevistadas não tiveram ou têm uma nova relação, sendo que uma destas, Iara, já se separou do marido, sendo hoje mãe solteira. A entrevistada Alice, afirmou a esse respeito: *Sou uma mãe muito orgulhosa e nunca consegui, nunca quis ter marido. Nunca quis ter marido por quê? Porque se eu tivesse marido eu não conseguia dar o carinho aos meus filhos que eles perderam. Já perderam o carinho do pai, nunca tiveram* (ALICE, 60). Enquanto isso a entrevistada Luísa, chegou a iniciar uma relação, porém terminou após trazer os filhos. *Vi que ele era um bocado complicado com as crianças, então quando trouxe meus filhos. Primeiro o mais velho e ele não se entendiam, depois nós acabamos* (LUÍSA). Nove destas, entretanto, estão em uma nova relação amorosa, porém apesar de algumas destas relações terem alguns anos, excetuando Miriam, nenhuma dessas se casou. A entrevistada Júlia, declarou que já esteve em duas relações amorosas em Portugal, e em ambas sofreu violência doméstica, experiência semelhante à vivida com o pai de sua filha. *O homem que eu arranjei está a me bater, (...) agora mesmo estou com o braço todo inchado por causa dele. (...) Já tinha problema com ele na justiça (...). Já tinha arranjado dois homens que me batiam (...). E o pai de filha ainda era pior (...)* (JÚLIA, 38). A hipótese cinco não se verifica, talvez pela falta de exemplos que nos pudessem trazer uma informação mais sólida, já que quase nenhuma das mães tornou a formar família após imigrar. Além disso, a relação entre mães e filhos, de acordo com as entrevistas, em quinze dos casos era boa e permaneceu boa mesmo após a imigração materna. No caso da entrevistada Júlia, a filha era ainda uma bebê de dois meses quando essa imigrou, que nem mesmo foi amamentada, e atualmente, após alguns anos longe da menina, quando esta foi visitá-la a mesma mostrou muito mais apego, que desapego à mãe, que praticamente conheceu de verdade naquele momento. *Fui passar umas férias, e ela queria que ficasse com ela. Disse assim “fica, fica, não vai.” Ela quer estar ao pé de mim. . (...) Ela acostumou comigo, ela gostou de mim, todo lado que eu for ela vai também (risos)*. Além do mais a

qualidade de vida e os cuidados que a criança recebe do pai e avó não são satisfatórios, inclusive a menina também sofreu maus tratos e agressão física por parte do pai. Assim, esta apresenta hoje em dia, com treze anos de idade, alguns problemas de saúde psicológica, o que faz com que a mãe queira logo voltar para cuidar da criança. *Vou para o pé dela, né? Ela tá com um bocado de problema, 'tá a arrancar o cabelo dela, por causa de nervos, muitas coisas. Depois ela disse que quer ficar comigo e a avó (JÚLIA).* As entrevistadas Sílvia e Camila, afirmaram também que a relação com os filhos melhorou após a imigração. Sílvia declarou o seguinte, acerca do relacionamento com as filhas antes de imigrar: *Era ruim, eu praticamente não tinha uma relação, mesmo... Era uma relação de dizer "não faça isso", e sempre a gritar, nunca se falava baixo, nunca, (...) Antes de vim pra cá não era nada bom. E depois: É ótima (...), muito boa. (...) Sei falar com as duas, sei falar, sei conversar.* Ao mesmo tempo Camila afirmou: *Eu acho que a gente ficou mais unido, sempre fomos, a vida obrigou a gente ser muito unido. Mas, principalmente a distância, ao invés de separar acho que fez a gente se unir mais ainda (CAMILA, 51).* Enquanto isso, as entrevistadas Vera e Ana declaram o contrário, que a relação com o filho piorou após a imigração. Vera demonstra que o filho que tinha quatorze anos quando a mesma imigrou, passou a se mostrar muito revoltado. Já Ana, observou um distanciamento do filho, com quem tinha uma relação muito próxima antes. Nas palavras desta: *A gente era muito amigo, muito companheiro e a gente acabou se afastando muito, por causa da distância, né? (...), e a gente hoje, é uma relação muito distante, não tem mais nada a ver como era antes (ANA, 51).* Ana também declarou que ligava para casa de quinze em quinze dias o que não pode imperativamente ser visto como um fator de influência para o afastamento do filho, já que outras entrevistadas declararam comunicarem com menor frequência e não vivenciaram o mesmo problema de perda de qualidade na relação com os filhos. Três das entrevistadas afirmaram ligar apenas às vezes para casa. Duas destas, que imigraram há mais de 20 anos, comunicavam com os filhos apenas através de correspondências. Seis falavam ou falam quase toda a semana, sobretudo por telefone, mas também pela internet. De igual modo através destes dois meios, seis comunicavam ou comunicam todos os dias. Uma, quase todas as semanas; uma, todos os meses e uma duas ou três vezes por semana. De um modo geral concluímos que é assídua a comunicação entre as mães e seus filhos, tendo em conta a distância espacial e as limitações financeiras que as ligações costumavam implicar, antes da internet. Quase todas estas mães também associou a comunicação telefônica ou pela internet à gestão da

educação de seus filhos, sempre mencionando também a função dos avós como educadores. Como declarou a entrevistada Ângela, que deixou os filhos com o marido: *'Tava sempre no controle, ali, ligava sempre pra perguntar se 'tavam indo à escola, se 'tava tudo bem. A e deixei minha mãe também, de olho também.* Igualmente, a entrevistada Janice afirma: *Eu estou sempre dizendo às minhas irmãs, na internet, facebook, falamos na câmara, digo a eles para estudarem muito, então essa é a forma que os educo.* Enquanto isso, algumas mostraram ter deixado a educação inteiramente sob a responsabilidade das avós, como ilustra a seguinte declaração de Antônia: *A educação é minha mãe. Minha mãe toma conta de tudo* (ANTÔNIA, 40). Ao mesmo tempo afirmou Rita: *Minha mãe, minha mãe geria a educação deles. E gere bem porque ela é rígida, é muito rígida (risos). A educação 'tá sendo boa. É até mais rígida que a mãe (risos).* Além da frequência da comunicação entre mães e filhos, a frequência das visitas das mães ou de seus filhos também foi questionada nas entrevistas. É interessante lembrarmos que já havia sido mencionado neste trabalho, a dificuldade para certos tipos de imigrantes de viajar para a sua terra de origem, apesar das facilidades de mobilidade atuais, mostrando que certas categorias de imigrantes, sobretudo os com trabalhos de baixa qualificação e baixos salários, não têm o mesmo tipo de acesso a certos recursos de transporte, como voos internacionais, devido ao alto custo dos mesmos. Dentre as entrevistadas, seis ainda não voltaram ao seu país de origem, tendo em conta que apenas uma destas está em Portugal há menos de um ano, Lisa, que tem apenas oito meses neste país. Das três que afirmaram terem ido apenas uma vez, Rita está aqui há treze anos, Antônia há seis e Júlia há treze. No caso de Júlia, além desta única vez, como esta havia deixado a filha com apenas dois meses e pela dificuldade em adaptar-se, preocupada com a criança e com o fato de não poder amamentá-la, resolveu voltar logo no primeiro ano, porém ficou em seu país, Cabo Verde, por apenas dois meses, retornando à Portugal. As entrevistadas Vanessa, Miriam, Luísa e Gisele foram todas duas vezes para o seu país, sendo o seu período de estadia em Portugal sem os filhos de cinco, seis, nove e sete anos respectivamente. Enquanto isso, Ana declarou ter ido três ou quatro vezes no seu país em oito anos, Maricel foi quatro vezes em nove anos, Maíra três vezes em seis anos, Camila de dois em dois anos, e num período de dez anos Sílvia foi cinco vezes e as filhas vieram duas. O caso de maior frequência nas visitas foi o de Janaína, já que esta ia todos os anos para o seu país, Brasil. É relevante lembrar, entretanto, que esta entrevistada não tinha gastos com remessas financeiras, porque o sustento dos seus filhos era garantido pelos avós. Isso nos mostra que além dos

baixos salários de certos imigrantes, o fato de enviarem grande parte do que ganham para o seu país também é um fator que limita suas possibilidades de viajarem para o seus países.

No tema das redes relacionais no país de acolhimento, apenas duas das entrevistadas, Luísa e Gisele, afirmaram não terem nenhum parente e ou amigo em Portugal, fator que não está relacionado com o tempo de estadia no país, já que Luísa vive há vinte nove anos no país e Gisele há sete. Apesar de não ter outras relações, Gisele se casou em Portugal com um conterrâneo seu, brasileiro, e já teve com este uma filha. Outra situação que se destaca é a de Júlia que possui parentes e amigos, porém a relação com estes não lhe é satisfatória. Relativamente aos parentes esta respondeu: *Eles não ligam, a mim não me interessa, é só interesse*. E aos amigos: *Sim, amiga, amigos, mas não confio, mas não confio muito mesmo assim. Mesmo assim não confio muito neles*. As relações laborais são satisfatórias para todas as entrevistadas, apenas Luísa queixa da sua primeira patroa, que não a tratava bem. Esta mesma patroa foi a que lhe ofereceu trabalho em Portugal, levando-a a deixar seu país, Cabo Verde. Nas palavras da própria Luísa: *Mas aquela patroa também me maltratou tanto, tanto, tanto aqui. Eu fugi da casa dela, porque ela me mandava de volta pra Cabo Verde, e lá não tinha condições, então eu fugi de casa dela. Trabalhava na casa dela lá*. Nos trabalhos que se seguiram, na feira popular e de limpeza, Luísa não tornou a viver outra situação de relação abusiva ou ruim com os patrões, pelo menos não que tenha declarado nesta entrevista.

Para abordarmos o tema do bem-estar e da subjetividade, podemos iniciar com a hipótese três, *o bem-estar subjetivo e os sentimentos de tristeza, culpa, etc., destas mães são maiores quando os filhos que ficaram para trás são mais novos*. Foi possível observarmos que o apego das mães em relação aos seus filhos não está imperativamente associado à idade dos mesmos. Apesar de que a entrevistada Júlia, como já foi mencionado anteriormente, desesperou-se tão intensamente por deixar a filha bebê que acabou por voltar para Cabo Verde. Na questão que diz respeito ao que sentiu ao imigrar, Júlia respondeu: *‘Tava triste, (...) ‘tava sempre a chorar e voltei pra lá, abandonei (...) tudo aqui, falei com o patrão que ia embora, (...), deixei o bebê lá, queria dar de mamar, né? (...) Fui embora, passei dois meses lá e vim embora que a coisa não estava bem*. Júlia foi a única que chegou ao extremo de retornar, porém, a maioria das mães também se mostrou triste ao imigrar. Relativamente a esta mesma questão e à dos sentimentos que experimentavam ao pensar nos filhos que ficaram é possível observar algumas respostas que exemplificam o fato.

Meus filhos e minha família, isso é uma saudade que a gente até paga um preço alto quando está longe, porque acontecem coisas que você gostava de estar lá, (...) mas, eu tinha um conforto, que aqui, eu estando aqui eu poderia dar mais, (...) saber que eles estavam bem, com quem estavam, estavam bem (JANAÍNA).

Nem queira saber, eu tornei-me uma escritora, eu tenho cartas até hoje guardadas, quer dizer, não conseguia às vezes mandar, (...) Fui escrevendo. “Saudades filha a mãe tá bem, (...), a mãe tá a comer e vocês se calhar nem estão a comer (...). Quando é que vocês chegam?”. (...) E depois eram lágrimas, quer dizer, as cartas também algumas já estavam desfeitas, porque estou a escrever e estou a chorar (...) (ALICE).

Eles não querem vim pra cá, se quisessem. Também eu acho que se quisessem até que ponto? Se eu não tenho vida pra eles, se eu trabalho muito. Iam ficar mais tempo sozinhos, não sei se seria abandonar mais eles aqui, estando aqui, ou se eu abandono eles lá. Aqui é ficar abandonado, a mesma coisa, porque eu chego tarde, saio cedo (ANTÔNIA, 40).

Senti como se meu mundo tivesse desabado, me senti tão, sabe? fora de, como posso explicar? Meu habitat natural. Desespero, dava um desespero (ÂNGELA).

Eu não sabia o que era depressão. Então todo o dinheiro que eu ganhava eu comia em comida. A minha depressão é compulsiva pra comer. A minha médica diagnosticou ansiedade compulsiva. E eu comia sempre a chorar, sempre a chorar, sempre a chorar e foi essa ansiedade que me levou a tudo mais (RITA).

Triste, que deixei meu filho, eu nunca fiquei longe do meu filho (MARIA).

Um pouco triste, claro, sinto falta deles, claro, mas eu aceito que é a vida, que não podemos ficar juntos (MARICEL, 51).

A gente chora, né? Eu chorava (...), às vezes ia comer alguma coisa “será que ‘tão comendo? Será que ‘tão bem?’” Tudo isso a gente pensa, não é? (VANESSA).

Eu sinto tristeza, né? Saber que nós não tivemos essa possibilidade, essa oportunidade de ver crescer os nossos filhos (MIRIAM).

Frustração (VERA, 40)⁶.

É tristeza, é a saudade. Só chorava. Então um dia o médico me perguntou assim “o que é que você tem?” porque não descobriu doença nenhuma, porque eu fiquei doente sem nada, o médico não descobriu a doença que eu tinha, eu disse “médico, não sei, eu deixei meus filhos (...) pra trás”, ele disse “ah, já sei, é ansiedade”. Tontura, eu caía. Esquecia muito. Ainda tenho esse problema de esquecimento, às vezes quero falar

⁶ A entrevistada Vera após dar esta resposta acabou por se emocionar e chorar.

alguma coisa e tenho que parar porque não sai, prende a língua. E aí é derivado disso, porque deixei cinco filhos pra trás (LUÍSA).

Sentia tristeza de deixar...saudades de deixar longe (MAÍRA, 39).

Ai, muita tristeza, é horrível, eu particularmente como mãe não aconselho ninguém deixar os filhos e migrar (IARA, 37).

Sempre muita tristeza, né? De ‘tá tão longe, sempre senti muita falta. A coisa mais triste é essa, né? A distância. De não poder ‘tá junto, de perceber que ele mudou tanto assim, é muito diferente daquele menino que eu deixei, hoje ele já é um homem, muito diferente (ANA).

Saudade, né? A gente sente saudade da família da gente, mas o que eu ‘tava fazendo era bom pra ele e pra mim, né? (GISELE, 34).

Eu chorei. Quando meus filhos falaram “mamã, faz muita falta” eu chorei. Principalmente minha mais nova, quando ela me abraçou, eu pensei, “eu não vou mais”, mas, eu tinha um Deus comigo “vai, vai, força, vai. Você vai conseguir” (LISA).

Ai, eu só chorava, chorava, chorava e chorava, é muito difícil (CAMILA).

É visível os sentimentos de ter abandonado, tristeza, desespero, remorso, preocupação, etc. destas mulheres através do que declaram, algumas até chegaram a serem afetadas em sua saúde psicológica. Duas declarações, entretanto, não foram mencionadas. A primeira foi a de Janice, que disse o seguinte: *Eu quero que eles venham porque é muito importante que a mãe e os filhos estejam sempre juntos. (...) Eu não quero ser um problema na comunidade.* Pode-se observar o peso da identidade materna, principalmente protegido pelas convenções sociais, assim Janice mostra uma postura tradicionalista e comunitária, que também é observada na entrevistada Maricel, que é igualmente filipina. Ambas disseram apenas frequentar a igreja como diversão, o que mostra a religião católica como um fator importante para explicar a postura mais conservadora. Janice inclusive afirmou que não trazia os filhos para Portugal porque se preocupava com os valores que estes iriam adquirir, nas palavras da mesma: *Para mim há mais conservadorismo nas pessoas lá. (...) Aqui posso ver pessoas liberais, (...), por isso prefiro que eles terminem os estudos lá do que aqui. Porque eu vejo os jovens, adolescentes aqui... Você sabe, sexo antes do casamento, há mais diferenças.* A segunda foi a resposta de Sílvia, que como foi mostrado anteriormente não tinha uma boa relação com as filhas e praticamente não as criou. Sílvia afirmou que sempre se sentiu bem desde que imigrou e não experimentou tristeza ou qualquer sentimento

negativo, apesar disso sempre se comunicou com muita frequência com a família, o que também contribuiu para o seu bem-estar. *Eu não senti saudade, porque estava sempre a falar (...), raramente, não deixava de falar, estavam bem. E, em termos de saudade eu não sentia* (SÍLVIA).

Em relação à saúde destas mulheres, foi possível ver que duas delas, Rita e Luísa, mostraram que por razão da imigração desenvolveram problemas de saúde. Rita além da depressão, pelo fato de ter uma ansiedade compulsiva para comer e sob grande estresse acabou desenvolvendo também diabetes, já que tinha tendência genética para isso, tensão alta e problemas para dormir. Segundo as palavras desta: *Somos de família diabética (...). Mas meu diabetes ficou escondido até uns anos atrás, eu não tinha. E devido ao nervoso e ao estresse (...). Encaminhou diabetes, tensão. (...) Volta e meia eu tenho que tomar remédio pra dormir.* Já Luísa, além do problema psicológico que adquiriu, falta de memória e tonturas, ainda acabou desenvolvendo tensão alta. *Estresse eu tenho, porque eu tenho tensão alta, tomo medicamento todos os dias. E desde que eu deixei os meus filhos lá eu apanhei problema de cabeça* (LUÍSA). Além de Rita e Luísa, mais duas entrevistadas, Alice e Antônia, disseram ter hoje em dia tensão alta e estresse, devido ao nervosismo. A entrevistada Ângela também observou uma piora em sua saúde, uma vez que com a grande carga de trabalho, sofre de muitas dores, e ainda problemas para dormir e estresse. Também devido aos esforços físicos, Júlia desenvolveu um problema de coluna, tendo também agora dificuldades para dormir. Esta ainda alega não ter apoio nenhum no trabalho relativamente ao seu problema de saúde. *Às vezes tenho problema de dormir, sinusite, ando cheia de dor de cabeça (...). E também tem muito esforço do trabalho, já falei com eles aqui, eles não ligam quase nada. Eles não ligam, não dão apoio nenhum* (JÚLIA). Ainda em relação à saúde mental, Iara afirmou ter tido um princípio de depressão, porém esta foi logo tratada e não se desenvolveu, levando em conta que esta buscou as duas filhas mais novas após um ano e meio em Portugal, deixando só o filho mais velho, de 14 anos, em seu país. Enquanto isso Janaína afirmou ter desenvolvido uma depressão pós-parto quando concebeu sua primeira filha, com 18 anos de idade, e esta tornou a manifestar-se em Portugal algumas vezes, apesar disso esta diz não atribuir isto ao fato de ser imigrante, por ter sempre gostado de Portugal e não ter se sentido estrangeira, porém neste caso, talvez a depressão não tenha a ver com o sentimento de exclusão ou tristeza, mas, com as novas situações de tensão que o imigrante experimenta, principalmente por se encontrar longe do apoio familiar. Enquanto isso, a entrevistada Camila declarou ter

perdido peso por ter se separado de seus filhos, mas não teve mais problemas de saúde após se adaptar mais à distância da família. *Só quando eu cheguei é que foi complicado, né? Eu perdi seis quilos, por separar dos meus filhos, mas depois não, a gente se habitua com tudo na vida, né?*(CAMILA). As demais dez entrevistadas não mostraram terem tido nenhum problema de saúde após a imigração. Trazendo novamente à tona a questão cultural, todas as entrevistadas que tiveram problemas de saúde devido à imigração são provenientes dos PALOPs ou do Brasil, e em termos de proporção relativamente ao número de representantes do país e daquelas que declararam doença, cerca de 54% das brasileiras (seis em onze) e 42% (três em sete) das africanas mostraram problemas de saúde. O que nos leva a concluir que o fato anterior de as brasileiras gozarem mais a vida não tem nada a ver com desapego à família, e ainda que as africanas mais uma vez demonstraram um intenso apego aos filhos. Outro fator que influencia no bem-estar materno é a reação das crianças relativamente à imigração da mãe. Muitas das entrevistadas disseram que por os filhos serem muito pequenos, não se opuseram à sua partida, entretanto, as exigências aumentaram na medida em que cresceram, apesar de que analisando todos os casos este dado é relativo. Na situação supracitada de Júlia, por exemplo, a filha que era bebê quando esta imigrou, hoje em dia com treze anos, pede sempre para que a mãe volte. Dentre as demais entrevistadas, quatro delas declararam que os filhos compreenderam bem, inclusive uma destas, Janice, pediu a permissão de seus filhos antes de imigrar, procurando uma solução que beneficiassem a todos e fosse de interesse coletivo na família. *Eu pedi permissão a eles, antes de vir para cá eu pedi permissão. (...) Porque eles também querem ter uma vida melhor* (JANICE). Duas das entrevistadas tiveram o apoio e estímulo de seus filhos, não coincidentemente, Sílvia e Camila, as duas que imigraram por causa de problemas relacionais com os pais de seus filhos. As filhas e a mãe de Sílvia torciam para que esta pudesse se realizar em Portugal, pois reconheciam que a mesma não era feliz no seu país, o Brasil, por razão de um amor, que começou aos seus treze anos, não correspondido pelo pai de suas filhas, o que a fez infeliz por muitos anos, a impediu de criar suas filhas e a levou a deixar o Brasil. *Era uma perspectiva de vida (...) tê-lo ao meu lado, ter uma família, (...). Dos treze anos até quando eu vim pra Portugal eu fui uma pessoa muito infeliz porque eu fui mal-amada e quando a gente é mal-amada se (...) não souber controlar, a gente se torna péssimas pessoas* (SÍLVIA). Já Camila, também brasileira, foi apoiada pela família, pois o ex-marido era alcoólatra e a perseguia. Em relação à mãe e os filhos Camila disse: *Foram eles (...) que me*

motivaram a vir. Porque lá não tinha condições de eu 'tar (...) mais, com a força psicológica que ele fazia, era muito, já 'tava separado, mas ele não nos deixava em paz. Seis entrevistadas afirmaram que os filhos ficaram muito tristes e confusos. Por exemplo, Vera, como já foi dito anteriormente, sente grande frustração porque seu filho de 14 anos ficou e ainda permanece muito revoltado com a mãe. Dentre as seis mães que afirmaram ter deixado crianças muito novas para se opor, ou então os mais novos entenderam e os mais velhos ficaram tristes, algumas delas sentiram o peso da cobrança mais tarde. Uma declaração de Máira ilustra isso: *Eram muito novos. (...) então eles ainda não tinham muita noção daquela coisa, agora eles cobram mais, mas antigamente eles não cobravam tanto, agora já começam as cobranças.* Ao mesmo tempo, Luísa notou as consequências apenas quando reuniu, nove anos após imigrar, com seus filhos. *Eles estavam tão pequeninos que eles nem sabiam (...). Depois através dessa imigração meus filhos criou tudo revoltado. A partir de nove anos que encontrei meus filhos, eram uns meninos tão rebeldes, tão revoltados* (LUÍSA). Luísa ainda afirmou que já em Portugal juntos dela, seus filhos demonstraram problemas comportamentais, incluindo o uso de drogas. A entrevistada Ana, que veio fazer turismo e não voltou, não chegou a dizer para o filho que imigraria, simplesmente ficou. *Na verdade eu nunca falei que ia ficar, eu fui ficando, eu nunca falei assim eu vou ficar morando aqui, eu fui ficando, o tempo foi passando* (ANA). Apesar de o menino não ter feito oposição, a relação de ambos esfriou e se distanciou, como já vimos anteriormente.

Na maioria destas histórias foi possível ver a dificuldade destas mães, não só como imigrantes, mas em estarem longe de seus filhos, algumas destas, hoje em dia, já se reuniram com os filhos, e estes já são adultos e vivem suas vidas ou no país de origem ou em outros países. Outras ainda não o fizeram, mas mostram grande desejo em fazê-lo, não o tendo feito ainda ou por impossibilidade ou pelo fato de quererem permanecer em Portugal e os filhos não desejarem imigrar. Porém todas elas, hoje em dia, ainda estão longe de pelo menos um dos filhos, por terem escolhido viver em Portugal e seus filhos não, seguindo suas vidas, o que é um processo natural. Quase todas elas, no entanto, apesar de terem imigrado, afirmaram se considerarem boas mães; com exceção de Sílvia que declarou não ter criado suas filhas como já foi visto, e de Ana que sentiu o afastamento do seu filho e já não tem certeza se é uma boa mãe. *Acreditava (risos) quando eu 'tava com ele sim, agora eu 'tou muito longe, né? Eu não sei se sou* (ANA). Porém a maioria das demais diz terem migrado pelos filhos e para dar-lhes recursos que antes não podiam dar. E algumas, dizem serem boas mães por terem sempre criado

sozinhas os seus filhos. Entretanto, apesar de quase todas não terem o apoio do pai das crianças, foi e é grande o apoio dado pelos avós e ou tias e tios, para a maioria destas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização deste trabalho, diversas tendências encontradas em outros estudos foram novamente vistas, estando alguns dos resultados dentro do esperado, por outro lado, situações inesperadas ou novas informações também foram encontradas. Na proposta de trabalho era pretendido encontrar mães que imigraram sem os filhos, provenientes de países em desenvolvimento, pouco qualificadas e que ocupassem empregos tradicionalmente femininos em Portugal. Na abordagem às mulheres imigrantes encontradas na sala de espera do CNAI, não foi difícil encontrar aquelas que possuíam este perfil. Além disso, aquelas que possuíam os requisitos procurados na abordagem, isto é, terem imigrado sem os filhos crianças ou jovens, em todos os casos eram mulheres vindas de países em desenvolvimento como o Brasil, os PALOPs e as Filipinas. Ademais, quase todas eram pouco qualificadas, mas mesmo aquelas com formação superior trabalhavam nas profissões esperadas. Quase todas eram domésticas, cuidadoras, auxiliares médicas e de limpeza, empregadas de balcão ou trabalhavam em restaurantes, como empregadas ou encarregadas. Também como previsto, quase todas eram mães solteiras e as únicas ou principais provedoras de suas famílias. Apesar de não terem o apoio dos pais de seus filhos, os familiares destas mulheres, sobretudo os avós das crianças, se mostraram como figuras de auxílio das mesmas, sendo estes os principais cuidadores de seus netos aquando da imigração materna. Estes avós também contribuíram para um maior bem-estar por parte dessas mães que ficavam aliviadas por seus filhos estarem com alguém de confiança, de quem gostavam e que deles gostava também. No entanto, os sentimentos negativos como tristeza, culpa por ter abandonado os filhos, preocupação, frustração, etc. estavam e estão presentes na maioria destas mães, desencadeando muitas vezes em problemas psicológicos e de tensão alta. Que também são intensificados pelas difíceis condições de trabalho e as dificuldades enfrentadas pelo imigrante. Foi visto que na maioria destas mulheres o apego pelos filhos se mostrou grande, o que não está intimamente ligado a uma postura mais tradicional, observada principalmente nas entrevistadas filipinas, porém, independentemente da opinião alheia, elas próprias não só sentem em si o peso da responsabilidade em serem mães, mas, uma verdadeira falta de seus filhos, além de

serem profundamente afetadas pelos sentimentos que estes lhes mostram ou mostravam. Outro fator importante foi o de que quase todas elas demonstraram o desejo de se reunir aos filhos, algumas já o tinham feito e outras ainda não tinham condições ou possibilidades de fazê-lo.

Em relação às hipóteses, a segunda (As mulheres/mães imigrantes, em geral, enviam a maior parte do que ganham para promover uma melhor qualidade de vida para os filhos. Educação, bens de consumo, etc., apoiar familiares ou investem em bens imóveis na terra de origem) e a quarta (As mães solteiras que imigram sem os filhos, de uma forma geral, sentem certa resistência em começar uma nova família, casar e ter outros filhos) foram confirmadas, uma vez que a maioria destas mulheres envia remessas financeiras para garantir bens de consumo e educação aos seus filhos e familiares e ainda a maioria destas mulheres não tornou a casar ou ter outros filhos após imigrar o que pode ser derivado do fato de estarem ainda focadas na família que deixaram, isto é, seus filhos. A terceira (O bem-estar subjetivo e os sentimentos de tristeza, culpa, etc., destas mães são maiores quando os filhos que ficaram para trás são mais novos) e a quinta hipótese (As mulheres imigrantes solteiras, com filhos na terra de origem, que se casam ou têm outro (s) filho (s) experimentam algum desgosto, ciúme, acusação ou certa desconsideração ou desapego por parte daqueles (filhos) que ficaram para trás) foram refutadas, pois, os sentimentos negativos não estão diretamente associados à idade das crianças, ou mesmo da mãe, podendo ser maiores ou menores independentemente da faixa etária. Além disso, como a maioria das mulheres não tornou a formar família não é possível tirar conclusões da quarta hipótese, porém no único caso de um novo casamento, o fato de os filhos se revoltarem ou terem ciúmes da mãe, não se verificou. Outra hipótese inconclusiva foi a primeira (A maior parte das mães que imigram, deixando para trás filhos muito pequenos, sentem-se de certa forma culpadas e inibidas para aproveitar a vida. Viajar, passear, comprar bens como roupas, sapatos, etc.) porque nem foi completamente comprovada, nem rejeitada. As mães na sua maioria não disseram evitar comprar bens, viajar ou se divertir para guardarem o dinheiro e enviarem aos seus filhos, porém, como a maior parte delas envia remessas financeiras, e muitas delas dizem comprar bens apenas quando têm condições, observa-se que estas priorizam o sustento e apoio aos filhos relativamente aos gastos pessoais. Em relação à diversão observou-se também que a cultura influencia mais que a idade, isto é, as entrevistadas provenientes do Brasil foram as que mais declararam sair para se divertirem em comparação às demais, apesar de o fato não está associado a um maior desapego ou

desvencilhamento das obrigações maternas, mas, a um estilo de vida associado à cultura. Enquanto isso, as filipinas mostraram ir exclusivamente à igreja, mostrando, além disso, uma postura mais conservadora, que provavelmente tem relação à educação religiosa católica. Vale ressaltar que outras entrevistadas, provenientes do PALOPs e do Brasil, também disseram ir exclusivamente à igreja.

Finalmente, esta nova espécie de comércio, o comércio afetivo, assim como os demais, têm consequências bastante graves para os envolvidos. A venda do cuidado e afetividade feita pelas mães transnacionais, privando seus próprios filhos dos mesmos, afeta negativamente não apenas estes, mas também estas mães, como foi possível mais uma vez constatar através deste estudo. O modo de vida, a qualidade das relações, a saúde física e mental e o bem-estar subjetivo destas mulheres sofreram profundas consequências, muitas vezes nocivas, através da imigração e separação de seus filhos. Apesar de não possuímos ferramentas que medem amor e afeto, é difícil atribuir as reações destas mães apenas às imposições culturais que a identidade materna implica. As obrigações culturais pesam sobre estas mães, assim como o que elas sentem influencia a noção cultural de mães, uma vez que indivíduo e sociedade são um só.

BIBLIOGRAFIA

ABOIM, Sofia e Pedro Vasconcelos (2009), *Differential and Cumulative Effects of Life Course Events in an Intergenerational Perspective: Social Trajectories of Three-Generations Family Lineages*, Swiss Journal of Sociology, 35(2), pp. 297-319.

ABREU, Cristiano Nabuco de (2005), *Teoria do Apego. Fundamento, Pesquisas e Implicações Clínicas*, São Paulo: Casa do Psicólogo Editora.

ALMEIDA, Lígia Moreira e José Caldas (2012), *Ser imigrante, Ser mulher, Ser mãe: Diáspora e Integração da Mulher São-tomense em Portugal*, Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica, Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos (CEA-IUL), pp. 287-302.

APPADURAI, Arjun (1990), *Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy*, *Theory, Culture & Society*, vol. 7, pp. 295-310, Disponível em: DOI: 10.1177/026327690007002017.

BABBIE, Earl (2007), *The Practice of Social Research*, Belmont: Thomson Wadsworth, 11ª Edição.

BJÖRNBERG, Ulla (2006), *Paying for the Costs of Children in Eight North European Countries: Ambivalent Trends*, in Jane Lewis (ed.), *Children, Changing Families and Welfare States*, Cheltenham: Edward Elgar Publishing, pp. 90-109.

BANDEIRA, Marina [data desconhecida], *Texto 8: Planificação Operacional da Pesquisa*, Material da disciplina de Método de Pesquisa Quantitativa (online), Laboratório de Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia, UFSJ.

BONELLI, Maria da Glória (2003), *Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções*, *Cadernos Pagu*, Nº 21, pp.357-372.

BRYANT, John (2005), *Children of International Migrants in Indonesia, Thailand, and the Philippines: A Review of Evidence and Policies*, Innocenti Working Paper No. 2005-05, Florence: UNICEF Innocenti Research Centre.

BUTLER, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, New York e London: Routledge.

CARBALLO, Manuel e Mourtala Mboup (2005), *International migration and health*, paper prepared for the Policy Analysis and Research Programme of the Global Commission on International Migration.

CASTAÑEDA, Ernesto and Lesley Buck (2011), *Remittances, Transnational Parenting, and the Children Left Behind: Economic and Psychological Implications*, *The Latin Americanist* 55, pp. 85-110.

CHAVKIN, Wendy e JaneMaree Maher (2010), *The Globalization of Motherhood: Deconstructions and reconstructions of biology and care*, London e New York: Routledge.

CHIANG, Shiao-Yun e Ho Hon Leung, 2011, *Making a home in US rural towns: the significations of home for Chinese immigrants' work, family, and settlement in local communities*, *Community, Work & Family*, 14:4, pp. 476-477. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13668803.2011.574871>. Último acesso: 27 de Junho de 2013.

COHEN, ANTHONY P. (Ed.) (2000), *Signifying Identities: Anthropological Perspectives on Boundaries and Contested Values*, London: Routledge.

CORTÉS, Rosalia (2007), *Children and Women Left Behind In Labor Sending Countries: An Appraisal of Social Risks*, Global Report on Migration and Children, Working Paper, UNICEF.

COUTINHO, Clara (2008), *Técnicas e instrumentos de recolha de dados*, in *Métodos de Investigação em Educação*, Universidade do Minho, Disponível em: http://faadsaze.com.sapo.pt/12_tecnicas.htm.

CRAIG, Lyn (2007), *Contemporary Motherhood: The Impact of Children on Adult Time*, England: Ashgate Publishing.

CRESWELL, John W. (2009), *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*, Thousand Oaks, California, London, New Delhi, Singapore: SAGE Publications, Terceira Edição.

CUCHE, Denys (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século Edições, Tradução Miguel Serras Pereira.

DAVIDSON, Julia O'Connell and Caitlin Farrow (2007), *Child Migration and the Construction of Vulnerability*, Save the Children Sweden, Elanders Infologistics Väst AB.

DIAS, Maria Olívia (2011), *Um Olhar Sobre a Família na Perspetiva Sistémica o Processo de Comunicação No Sistema Familiar*, Gestão e Desenvolvimento, Nº 19 , pp. 139-156.

DIAS, Nuno (2010), *Género, Mobilidades e Serviço Doméstico: Números e Tendências da Imigração Feminina em Portugal*, WP nº 2010/06, DINÂMIA'CET-IUL, Centro de Estudos Sobre a Mudança Socioeconómica e o Território.

DUARTE, Jorge (2005), *Entrevista em profundidade*, In DUARTE, Jorge Duarte e Antonio Barros (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, pp. 62-83.

EDIN, Kathryn e Maria Kefalas (2005), *Promises I Can Keep: Why Poor Women Put Motherhood Before Marriage*, Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press.

FAIST, Thomas (2008), *Migrants as Transnational Development Agents: An Inquiry into the Newest Round of the Migration–Development Nexus*, Population, Space and Place, Nº 14, pp. 21-42.

GIDDENS, Anthony (2002), *Modernidade e Identidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Tradução de Plínio Dentzien.

GIDDENS, Anthony (2009), *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 7ª edição, Tradução de Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil.

GOLDIN, Ian, Geoffrey Cameron e Meera Blarajan (2011), *Leaving home: migration decisions and processes*, em Ian Goldin, Geoffrey Cameron e Meera Blarajan (2011), *Exceptional People. How Migration Shaped Our World and Will Define Our Future*, Princeton: Princeton University Press, pp. 97-120.

GOMES, Mariana Selister (2011), *Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura*, Lisboa: CIES e-Working Paper N.º 106/2011.

GRAHAM, Elspeth e Lucy P. Jordan (2011), *Migrant Parents and the Psychological Well-Being of Left-Behind Children in Southeast Asia*, *Journal of Marriage and Family* 73, pp. 763-787. Disponível em: DOI:10.1111/j.1741-3737.2011.00844.x.

HEYMANN, Jody (2006), *Forgotten Families: Ending the Growing Crisis Confronting Children and Working Parents in the Global Economy*, New York, NY: Oxford University Press.

HOCHSCHILD, Arlie Russell (1979), *Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure*, *The American Journal of Sociology*, Vol. 85, Nº 3, pp. 551-575.

HOCHSCHILD, Arlie Russell (2003), *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press.

HOCHSCHILD, Arlie Russell (2004), *Love and Gold*, In Barbara Ehrenreich e Arlie Russell Hochschild (Ed.), *Global Woman: Nannies, Maids, And Sex Workers In The New Economy*, USA: Metropolitan Books, pp. 34-46.

HOCHSCHILD, Arlie Russell (2009), *The Back Stage of a Global Free Market Nannies and Surrogates*, artigo baseado em palestra intitulada *Global Traffic, Female Service and Emotional Life: the case of Nannies and Surrogates*.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierretteh e Ernestinea Vila (1997), *"I'm Here, But I'm There": The Meanings Of Latina Transnational Motherhood*, *Gender And Society*, Vol. 11, No. 5, pp. 548-571.

KITTAY, Eva Feder (2008), *The Global Heart Transplant and Caring across National Boundaries*, *The Southern Journal of Philosophy*, Vol. XLVI, pp. 138-165.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1982), *As Estruturas elementares do parentesco*, Petrópolis: Vozes, Tradução de Mariano Ferreira.

LOW, Setha M. e Denise Lawrence-Zúñiga (ed.) (2003), *The Anthropology of Space and Place: Locating Culture*, Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing.

MACHADO, Fernando Luís (1994), *Imigração, etnicidade e minorias étnicas em Portugal*, Sociologia – Problemas e Práticas, Nº 16, pp. 187- 192.

MACHADO, Fernando Luís (1999), *Imigrantes e estrutura Social*, Sociologia – Problemas e Práticas, Nº 29, pp. 51-76.

MANNE, Anne (2005), *Motherhood. How Should We Care For Our Children?*, Australia: A Sue Hines Book

MARQUES, Ana Cristina (2008), «*Eu gosto muito do meu filho mas...*» *Parentalidades entre o desejo e a realidade*, CIES e-WORKING PAPER, Nº 39.

MAZZUCATO, Valentina e Djamila Schans (2011) *Transnational Families and the Well-Being Of Children: Conceptual and Methodological Challenges*, Journal of Marriage and Family 73, pp. 704-712. Disponível em: DOI:10.1111/j.1741-3737.2011.00840.x.

MCKENZIE, David J. (2006), *Beyond Remittances: The Effects of Migration on Mexican Households*, in Çaglar Özden e Maurice Schiff, *International Migration, Remittances, and the Brain Drain*, Washington DC: The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, pp. 123-147.

MOREIRA, Carlos Diogo (2007), *Teorias e práticas de investigação*, Lisboa: Edição do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

ONG, Aihwa (1999), *Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality*, USA: Duke University Press.

ONG, Aihwa, Virginia R. Dominguez, Jonathan Friedman, Nina Glick Schiller, Verena Stolcke, David Y. H. Wu e Hu Ying (1996), *Cultural Citizenship as Subject-Making:*

Immigrants Negotiate Racial and Cultural Boundaries in the United States [and Comments and Reply], *Current Anthropology*, Vol. 37, No. 5, pp. 737-762.

O'REILLY, Andrea (Ed.) (2010), *Encyclopedia of motherhood*, California: SAGE Publications.

OSILI, Una Okonkwo (2004). *Migrants and Housing Investments: Theory and Evidence from Nigeria, Economic Development and Cultural Change* in 52 (4), pp. 821–849.

PARREÑAS, Rhacel Salazar (2005), *Children of Global Migration: Transnational Families and Gendered Woes*, Stanford, California: Stanford University Press.

PIRES, Rui Pena (2003) *Migrações e Integração. Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta.

POLANYI, Karl (1944), *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*, Boston: Beacon Press.

QUIVY, Raymond e Luc Van Campenhoudt (2005), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva, Tradução por João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, 4ª Edição.

RIBAS, Adriana F. Paes e Maria Lucia Seidl de Moura (2004), *Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais*, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), pp.315-322.

SEF/Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento) (2012), *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2011*, Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf.

SMART, Carol (Ed.) (1992), *Regulating womanhood: historical essays on marriage, motherhood, and sexuality*, London and New York: Routledge.

VASCONCELOS, Pedro (2003), *Famílias Complexas: Tendências de Evolução*, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 43, pp. 83-96.

VERTOVEC, Steven (2009), *Transnationalism*, London e New York: Routledge.

WACQUANT, Loïc (2007), *Esclarecer o Habitus*, *Educação & Linguagem*, Ano 10, Nº 16, pp. 63-71, Traduzido do inglês por José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira (Revista Sociologia, n14, Universidade do Porto, Portugal) e revisto por Carla Augusto e Loïc Wacquant, Revisão e adaptação para o português falado no Brasil de Ana Paula Hey e Afrânio Mendes Catani.

YEOH, Brenda S. A. and Cheng Yi En (2013), *Family Migration*, Blackwell Publishing, Disponível em: DOI: 10.1002/9781444351071.wbeghm217.

ANEXOS

1. Guião de Entrevista I

DADOS PESSOAIS:

Nome (Fictício):

Idade:

Nacionalidade:

Estado Civil:

Grau de Escolaridade:

Aonde vivia antes de imigrar:

Profissão:

Quantos filhos:

Idade dos filhos:

Tempo que vive em Portugal:

QUESTIONÁRIO 1 : SUBJETIVIDADE E BEM-ESTAR:

Experiência da Imigração

- 1) Motivações para imigrar

- (a) Por ter dívidas a pagar
 - (b) Para ter uma melhor expectativa de vida
 - (c) Por ideia de algum conhecido ou familiar que já havia imigrado
 - (d) Outra razão? Qual
- 2) Qual a reação de seus filhos ao saberem que imigraria?
- (a) Compreenderam bem
 - (b) Ficaram tristes
 - (c) Opuseram-se e pediram que ficasse
 - (d) Outra? Qual?
- 3) Como foi o processo de imigração?
- (a) Fácil, tudo se resolveu com facilidade
 - (b) Difícil, teve dificuldades em conseguir migrar
- 4) Vivia dificuldades financeiras em seu país de origem?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 5) Deixou seu país de forma independente ou teve o apoio de alguém ou de alguma rede no país de destino ou no de acolhimento?
- (a) Independentemente
 - (b) Teve apoio de um parente, amigo ou conhecido
 - (c) Teve apoio de alguma instituição com este fim
- 6) Experienciou ou tem experienciado alguma dificuldade financeira em Portugal?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 7) Em que trabalhava antes de imigrar?
- 8) Quando chegou como foi o processo de encontrar trabalho?
- (a) Teve dificuldades
 - (b) Foi fácil e conseguiu sozinha
 - (c) Foi fácil pois teve algum apoio
- 9) Quais empregos teve em Portugal desde que chegou?

- 10) Gosta do seu trabalho?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 11) Está satisfeita com seu salário?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 12) Gostaria de trabalhar em outra coisa?
- (a) Sim, em quê?
 - (b) Não
- 13) Após imigrar sua saúde se encontra melhor ou pior que antes? E a de seus filhos?
- 14) Desde que imigrou experimentou algum mal estar físico como depressão, problemas para dormir, episódios de *stress*, etc.?
- 15) Por que ainda vive em Portugal?
- 16) Por que não traz os filhos?
- 17) Acredita ser uma boa mãe?

Experiência e Sentimentos

- 1) O que sentiu ao imigrar?
- 2) Quais os sentimentos que experimenta ao pensar nos filhos que ficaram para trás?
- 3) Quais sentimentos seus filhos lhe têm demonstrado desde que imigrou?
- 4) O que pensava da vida que vivia antes de imigrar? E da vida que viviam seus filhos?
- 5) Hoje em dia o que pensa da vida que leva? E a que seus filhos vivem?
- 6) O que espera para o futuro de seus filhos? Quais seus principais sonhos em relação a estes?

- 7) Sente que hoje é uma pessoa mais independente e com mais domínio sobre sua própria vida que antes de imigrar?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 8) Quais foram e são, para si, as principais vantagens e desvantagens de ter imigrado sem os filhos?
- 9) Se tivesse um desejo imediatamente realizável, qual seria este?

QUESTIONÁRIO 2: RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS:

Relações no país de origem

- 1) Antes de imigrar, como era sua relação com seus filhos?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim
- 2) Como é a relação com seus filhos hoje em dia?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim
- 3) Com quem deixou seus filhos? Por quê?
- 4) Como afirmam seus filhos ser a relação com esta(s) pessoa(s) hoje em dia?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim
- 5) Através de que meios e com que frequência tem contato com seus filhos que estão no país de origem?
- 6) Quantas vezes viu seus filhos desde que imigrou?

- 7) Como gere a educação dos seus filhos em relação à dedicação escolar e ao comportamento em casa?
- 8) Costuma enviar presentes ou comprar para seus filhos frequentemente bens como roupas, calçados, brinquedos, eletrônicos, etc.?
- 9) Com que frequência envia remessas financeiras para seus filhos?
- (a) Uma vez por mês. (Qual a percentagem? Quase tudo, metade, o suficiente, um pouco?)
 - (b) Sempre que possível
 - (c) De vez em quando
 - (d) Nunca
- 10) Apoia financeiramente mais alguém no seu país de origem?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 11) Já fez algum investimento em seu país de origem?
- (a) Sim
 - (b) Não

Relações no país de acolhimento

- 1) Quando imigrou veio só ou com alguém?
- (a) Veio só
 - (b) Veio acompanhada
- 2) Tem contato com algum familiar ou parente que também viva em Portugal?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 3) Possui amigos e/ou muitos conhecidos aqui?
- (a) Sim
 - (b) Não
- 4) Já estava antes de imigrar ou hoje em dia está em alguma relação amorosa?
- (a) Sim. Há quanto tempo? Qual a nacionalidade de seu (sua) companheiro(a)/cônjuge?
 - (b) Não

- 5) (EM CASO DE TER CÔNJUGE OU COMPANHEIRO/A) Como é a relação entre você e seu (sua) companheiro(a)/cônjuge?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim

Relações laborais

- 1) Como é sua relação com seus colegas de trabalho e/ou pessoas do seu convívio laboral?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim
- 2) Como é sua relação com seu (sua) patrão (patroa)?
- (a) Boa
 - (b) Ruim
 - (c) Nem muito boa, nem muito ruim

QUESTIONÁRIO 3: COMPORTAMENTOS E PRÁTICAS:

Comportamentos e suas razões

- 1) Costuma sair para se divertir? Se sim, com que frequência? E por quê?
- 2) É comum comprar para si mesma, bens de consumo como roupas, calçados, eletrônicos, móveis? Por quê?
- 3) Possui casa própria em Portugal? Por quê?
- 4) Tem algum automóvel (carro, motocicleta, etc.)? Por quê?
- 5) Já viajou para outros lugares que não o país de origem? Se sim, cite alguns exemplos. Por quê?
- 6) O que costuma fazer em seus tempos livres? Por quê?